

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA REABILITAÇÃO**

CECÍLIA MELO NEVES XAVIER

**ARRANJOS OCUPACIONAIS NA APOSENTADORIA DE
IDOSOS SAUDÁVEIS**

BELO HORIZONTE

2013

CECÍLIA MELO NEVES XAVIER

**ARRANJOS OCUPACIONAIS NA APOSENTADORIA DE
IDOSOS SAUDÁVEIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Reabilitação.

Área de concentração: Saúde do Idoso

Orientadora: Prof^a. Marcella Guimarães Assis

Co-orientadora: Prof^a. Kátia Maria Penido Bueno

BELO HORIZONTE

2013

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que se dispõem, de alguma maneira, a transformar o seu entorno em algo melhor.

AGRADECIMENTO

À orientadora Marcella Assis, por ser exemplo de dedicação, força e superação. Por confiar em minha capacidade e ser ponte para novos horizontes. A ela, minha eterna gratidão.

À co-orientadora Kátia Bueno, por ser luz constante em meus caminhos. Sabedoria e delicadeza, em grande parceria.

Aos meus pais, Elizabeth e Marcelo, que souberam respeitar a distância e o silêncio necessários nesse processo. Além de terem transmitido a mim o bem mais precioso da vida, ensinando-me, a cada passo, a motivação e a alegria.

Aos avós, Paulinho e Dodois, Vó Herondina e Vô Ruy, que deixaram forte exemplo de excelência e caridade. Jamais nos faltará amor diante dessa herança.

Às minhas irmãs, Luiza e Izabela, presença diária no meu coração, torcida incondicional do meu sucesso.

À minha sobrinha e afilhada Taiz, por existir como referência de pureza e auto superação.

Ao meu marido Leonardo, pela convivência serena, motivadora, sólida e facilitadora de todas as construções. Parceria honesta e de muito amor. E à sua família, pelo coração aquecido com que me acolheram sempre. Encontrá-los foi um presente - abençoado.

Aos tios e primos, grande rede de suporte. Em especial, à Tia Célia, nome que carrego dentro do meu, por trazer intensidade à finalização deste trabalho.

Aos professores da Pós-Graduação e do Departamento de Terapia Ocupacional, especialmente à Marisa Mancini, quem me apontou o caminho na hora certa - não o mais fácil, mas o de maior aprendizado e crescimento.

À Karla Giacomini, por contribuir com seus conhecimentos para a qualidade deste trabalho.

Aos colegas do programa de Pós-Graduação.

Aos secretários do programa de Pós-Graduação e do Departamento de Terapia Ocupacional, Sérgio e Rose.

Às amigas Rúbia Mara, parceira fiel de reflexões e sentimentos, à Fernanda Viotti, que apesar da distância, não sai do meu coração e à Simone Becho, pela participação crescente e cuidadosa em minha vida.

À Maria Angélica, por compartilhar o passo a passo dessa caminhada.

À Fernanda, pela generosidade em momentos de dificuldade.

À Andrea Drummond por me acompanhar e orientar nos primeiros passos em direção ao conhecimento e à saúde mental.

À Neyde Duarte por plantar em mim o encantamento pelo humano e a noção da importância dos fundamentos para sua compreensão.

A todos os amigos pelas trocas nos bons encontros e por constituírem os pilares que me sustentam.

Ao Nello Rangel, que me encorajou a acreditar em mim mesma. Juntos, abrimos portas que eu não sabia existir.

Ao Celso Rennó, por me ajudar a clarear a percepção, a refinar o olhar e a sossegar o coração.

Aos amigos e colegas do Hospital Galba Velloso e Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG), em especial à chefia, Eliane Mussel, Beth Pedrosa e Daniel Freitas, por apoiarem esse projeto e abrirem o espaço necessário para sua execução.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pela bolsa-auxílio que amaciou o andamento deste trabalho.

Aos entrevistados que gentilmente viabilizaram a realização dessa pesquisa.

A todos que de, alguma forma, contribuíram para a realização do projeto.

“Deixe a seus julgamentos, sua própria e silenciosa evolução sem a perturbar; como qualquer progresso, ela deve vir do âmago do seu ser e não pode ser reprimida ou acelerada por coisa alguma. Tudo está em levar a termo e, depois, dar à luz. Deixar amadurecer inteiramente, no âmago de si, nas trevas do indizível e do inconsciente, do inacessível a seu próprio intelecto, cada impressão e cada germe de sentimento e aguardar com profunda humildade e paciência a hora do parto de uma nova claridade: só isso é viver artisticamente na compreensão e na criação.”

Rainer Maria Rilke – “Cartas a um Jovem Poeta”

PREFÁCIO

O presente trabalho foi elaborado conforme as normas do Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação da Universidade Federal de Minas Gerais, sendo composto por três partes. A primeira delas é constituída pela introdução, que contém a revisão bibliográfica sobre o tema proposto, abordando conceitos de ocupação, trabalho e aposentadoria, a problematização e a justificativa do estudo. Também, pela descrição detalhada da metodologia do trabalho, no caso, um estudo qualitativo que utilizou entrevistas semiestruturadas na coleta de dados e análise temática para análise dos mesmos.

A segunda parte é composta por um artigo em que são apresentados os resultados e a discussão do estudo proposto. O foco que se elegeu foi direcionado para as ocupações realizadas no percurso de vida e sua relação com o novo arranjo ocupacional na aposentadoria. O artigo será enviado para apreciação da revista “Ciência e Saúde Coletiva”, e foi redigido de acordo com as normas deste periódico. Na dissertação em pauta não se explorou a relação dos sujeitos entrevistados com as ocupações realizadas na fase laboral e com o que realizam atualmente na aposentadoria. Essa temática poderá ser abordada posteriormente em outros artigos.

A terceira e última parte contém as considerações finais acerca dos resultados encontrados neste trabalho.

RESUMO

Devido ao acelerado envelhecimento populacional e aumento da expectativa de vida, pessoas que se aposentam têm a possibilidade de se manter engajadas em ocupações por mais 20 ou 30 anos. Para tanto, os aposentados terão a necessidade de criar um novo arranjo ocupacional para suas vidas, sem o trabalho realizado ao longo de todo aquele tempo. Sabe-se que a necessidade de ser ativo é vital e faz com que as ocupações desempenhem papel central na vida. O trabalho é considerado como uma delas e recebe atenção especial na fase adulta. Funciona como uma das principais atividades reguladoras do dia a dia e costuma preencher grande parte das horas produtivas do cotidiano, sendo responsável por desenvolver habilidades e gerar reconhecimento social. Romper com ele implica na necessidade de reorganização do conjunto de ocupações que preenchem a vida com significado, em função do tempo livre que se amplia. Na literatura, percebe-se uma lacuna na compreensão desse processo de organização no que se refere ao modo como o sujeito vai acessar as ocupações que irão constituir essa nova rotina. O objetivo deste trabalho é a compreensão e discussão, a partir da percepção do idoso aposentado, do modo como as ocupações realizadas no percurso de vida participam do processo de reorganização das ocupações na aposentadoria. Trata-se de estudo qualitativo com entrevistas semi-estruturadas, cujo paradigma *life span* foi utilizado como âncora teórica, pois possui premissas em sintonia com o objeto do estudo. Considera-se o desenvolvimento como um processo contínuo, heterogêneo e contextualizado com as situações vividas na história subjetiva. Das entrevistas realizadas, emergiram quatro categorias: por toda a vida; antigos sentidos, novas ocupações; agora eu posso; outras possibilidades: a descoberta. Os resultados revelaram que ocupações realizadas no percurso de vida se tornam referências significativas na aposentadoria. Nas três primeiras categorias, os entrevistados indicaram um sentido de continuidade experimentado de formas diferentes, seja ele pela prática das mesmas ocupações, inclusive daquelas resgatadas após uma interrupção, ou de significados que perduram. A continuidade linear da ocupação é encontrada apenas na primeira categoria. Trata-se da permanência da ocupação em si de forma mais evidente. Diferentemente, na segunda, a continuidade se manifesta na prevalência do sentido e, na terceira, no resgate de uma ocupação interrompida. Encontrou-se, ainda, o surgimento da prática de novas ocupações, nunca antes realizadas, comprovando que esse momento pode também ser visto como tempo de abertura. As mudanças que se dão no arranjo ocupacional a partir do rompimento com o trabalho podem trazer outros interesses e possibilidades de ocupações não realizadas ou imaginadas anteriormente. Ao estudar a aposentadoria, constatou-se que o aposentado pode encontrar-se em pleno desenvolvimento, dando continuidade às suas ocupações, ou descobrindo outras novas.

Palavras-chave: Aposentadoria, Idoso, Ocupação.

ABSTRACT

Due to accelerated aging and increased life expectancy, retired people have been presenting conditions for engaging in activities for over 20 or 30 years more. With this in mind, retired people will need to come up with new occupational arrangements for their lives without work throughout that time. It is known that the need to be active is vital and that makes occupation play a central role in life. Work is one of these occupations and it gets special attention during adulthood. It functions as a key regulatory activity of daily life and it usually fills much of everyday productive hours, being responsible for developing skills and generating social recognition. To break away with it entails the need of reorganizing the set of occupations that bring meaning to life, based on the increasing amount of spare time. There is large a gap on this theme's literature on understanding this organization process, in what concerns the way individuals will access the occupations that will constitute this new routine. The aim of this work is to understand and discuss, from the perception of the retired elderly, how the occupations performed in the course of life play a role in the reorganization of occupations in the retirement process. This is a qualitative study using semi-structured interviews, whose *life span* paradigm was used as a theoretical anchor, because it has premises in line with the object of study. Development is perceived as a continuous and heterogeneous process that is contextualized to the experienced circumstances in one's subjective story. Of the interviews that were carried out, four categories emerged: for life; old ways, new occupations: now I can, other possibilities: the discovery. Results revealed that occupations performed in the course of life become meaningful references during retirement. In the first three categories respondents indicated a sense of continuity experienced in different ways, whether by the practice of the same occupations, including those retrieved after a gap, or of more enduring meanings. Occupation's linear continuity is found only in the first category. It is the permanence of the occupation itself in a more clear way. In contrast, in the second category the continuity is expressed by the prevalence of meaning, and in the third category, in the retrieving of an interrupted occupation. The emergence of new occupations practice were also detected, some which never before performed, proving that this moment can also be seen as a starting time. The changes that occur in occupational arrangements from the breach with work can bring other interests and possibilities of previously not performed or imagined occupations. By studying retirement, it was found that the retired person may find himself/herself in full development by continuing to perform their ongoing occupations or learning new ones.

Key-words: Retirement, Elderly, Occupation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1. OCUPAÇÃO	12
1.2. TRABALHO	15
1.3. APOSENTADORIA	18
1.4. PARADIGMA <i>LIFE SPAN</i> - ANCORAGEM TEÓRICA	24
2 OBJETIVOS	27
2.1. OBJETIVO GERAL	27
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	27
3 PERCURSO METODOLÓGICO	28
3.1. PARTICIPANTES	28
3.2. COLETA DE DADOS	29
3.3. ANÁLISE DOS DADOS	30
4 ARTIGO	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50
ANEXO A – Termo de aprovação do COEP	57
ANEXO B – Normas da Revista Ciência & Saúde Coletiva: Instruções Para Colaboradores	58
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	64
APÊNDICE B - Roteiro de entrevista semi-estruturada	66

1 INTRODUÇÃO

*“Ser velho é coisa gloriosa quando não se esquece do significado de
começar...”*

Martin Buber

Por ser o homem um ser ocupacional (CHRISTIANSEN, 1999), toda a sua vida é preenchida por ocupações, que se diversificam nas fases de seu desenvolvimento. A necessidade de ser ativo é vital e faz com que as ocupações desempenhem papel central na vida (ARENDRT, 1991). Sennett (2009) relata que, a partir do que fazemos, reconhecemos e declaramos que existimos, e é por intermédio do que realiza que o homem se adapta aos ambientes, deixando a marca de sua existência. O trabalho é uma dessas ocupações que insere o sujeito no contexto da vida, ocupando posição central. Sua interrupção, como acontece na aposentadoria, o leva a uma nova rotina que precisa ser reorganizada. A forma como isso acontece é o que procuramos conhecer neste trabalho.

1.1. OCUPAÇÃO

O termo ocupação e seus desdobramentos são abordados por diversos autores e vinculados a diferentes áreas de conhecimento (LILLO; CASTRO, 2001). Christiansen e Baum (2001) discorrem sobre a dificuldade de se conceituar as ocupações por sua natureza complexa e multifacetada e, ao mesmo tempo, simples, ordinária e corriqueira. Os indivíduos vivem tão imersos e são tão dependentes das ocupações, que perdem a dimensão de seus significados e de sua relevância.

Law (1997) considera que ocupação é tudo o que as pessoas fazem dentro das categorias de autocuidado, trabalho e lazer. Kielhofner (2008) define a ocupação na mesma lógica das três categorias, como a realização de trabalho culturalmente significativo, jogos ou tarefas diárias no tempo e no contexto físico e social. A Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA, 2008) descreve e amplia o leque de ocupações em oito categorias: atividades de vida diária (AVD), atividades instrumentais de vida diária (AIVD), descanso e sono, educação, trabalho, o brincar, o lazer e a participação social. Essas ocupações são definidas da seguinte maneira:

- AVD: relacionam-se ao cuidado do sujeito com o seu corpo (ROGERS; HOLM, 1994). São também chamadas de atividades básicas de vida diária (ABVD) ou, ainda, de atividades pessoais de vida diária (APVD). Permitem a satisfação das necessidades básicas e geram impacto relevante na interação social (CHRISTIANSEN; HAMMECKER, 2001). São elas: o banho, o controle de esfínteres, o vestir-se, o alimentar-se, a higiene pessoal e auto cuidado, atividade sexual e uso do vaso sanitário,
- AIVD: têm maior complexidade que as atividades anteriores. Dão suporte à vida diária dentro e fora de casa. Referem-se aos cuidados dedicados a outras pessoas, aos animais e à manutenção e organização da casa. Implica em deslocamento na cidade por meio de transporte público ou privado; administração financeira e da saúde; preparo das refeições; hábitos religiosos, realização de compras e outros,
- sono e descanso: implicam nos cuidados e nos rituais de relaxamento para que se tenha uma boa execução de todas as outras atividades,

- educação: refere-se a atividades de aprendizado,
- trabalho: envolve as habilidades necessárias para se adquirir empregos remunerados ou trabalhos voluntários (MOSEY, 1996),
- brincar: direciona-se a atividades espontâneas que geram bem estar e alegria,
- lazer: significa realizar o não obrigatório durante um tempo livre,
- participação social: implica na forma como o sujeito interage com os demais nos lugares que frequenta, com a família e com os amigos.

Os seres humanos ocupam a vida com arranjos diferentes por meio dessas atividades, que são dirigidas a objetivos necessários para sua existência e bem-estar. Realizá-las significa usar e assumir o controle do tempo e do espaço como uma pessoa engajada na vida, bem como promover a criação e a experimentação de um sentido vital (CHRISTIANSEN; TOWNSEND, 2009). Além disso, ocupações envolvem capacidades mentais, habilidades e englobam elementos como a afetividade, a percepção, o simbolismo, e fornecendo um propósito e uma estrutura ao dia a dia das pessoas (HINOJOSA, 1997; NELSON, 1996). As ocupações expressam valores e geram interação entre as pessoas (CHRISTIANSEN, 1999); por meio delas, o homem se engaja no mundo e se nutre do contexto que o cerca para a criação de uma vida significativa. Elas proporcionam a base para a busca e a construção de interesses, e para o desenvolvimento das habilidades e potenciais.

Algumas vezes, terapeutas ocupacionais empregam os termos “ocupação” e “atividade” como se tivessem o mesmo sentido, com objetivo de descrever a participação em práticas cotidianas (AOTA, 2008). Porém, em alguns estudos, os dois termos são diferenciados (CHRISTIANSEN; TOWNSEND, 2009; PIERCE,

2001; REED, 2005). Lillo e Castro (2001) esclarecem que o termo “ocupação” engloba a “atividade” e complementam que “atividade” implica em movimento físico ou mental e pode ter um objetivo definido. Mas a ocupação é um conjunto de atividades organizadas que, além do objetivo, tem significado para o indivíduo que a realiza. Sendo este conceito adotado no desenvolvimento do presente estudo.

1.2. TRABALHO

Dentro da gama de ocupações que compõem o repertório ocupacional na fase adulta, o trabalho recebe atenção especial. Segundo Borges e Yamamoto (2004), as concepções de trabalho são resultado de um processo histórico sintonizado com os modos e relações de produção, da organização da sociedade como um todo e das formas de conhecimento humano. Ainda, segundo os autores, para os filósofos clássicos, o trabalho era reduzido às atividades braçais realizadas pelos escravos. Trabalhar era considerado como algo degradante, inferior e desgastante. Já na fase de surgimento e sedimentação do capitalismo, produziu-se uma concepção que situava o trabalho como elemento central na vida das pessoas, bem como único meio digno de se ganhar a vida. As características divergentes dos períodos históricos se misturam ainda hoje às diferentes concepções do trabalho.

Urt (1992) realizou uma análise do termo “trabalho” e explicitou dois grandes eixos de significados. O primeiro conecta o trabalho à noção de sacrifício, de peso, de sofrimento, condição esgotante para quem o realiza - trabalho como sinônimo de luta que implica em esforço e gera transtorno ou preocupação. Aqui, encontramos também a conexão de trabalho à noção de punição, conforme consta no Antigo

Testamento, tendo como base a ideia de punição pelo pecado original. Há ainda uma relação direta com o significado do termo latino que originou a palavra trabalho - *tripalium*, instrumento de tortura – e trabalhar tem origem em *tripaliare*, ou martirizar com o *tripalium* (URT, 1992).

No segundo eixo há uma valorização explicitamente oposta à primeira. O trabalho é visto de forma positiva, como meio de colocar em prática as capacidades humanas no domínio da natureza, sendo responsável pela própria condição humana. Acompanha a noção de empenho para atingir determinado objetivo. Trabalhar em algo significa fazer com zelo, dedicar-se à execução de uma ação. Na tradição cristã, o trabalho passou a ser considerado como meio de salvação e forma de realizar a vontade divina (URT, 1992). Tais eixos dizem das grandes tradições histórico-filosófico-religiosas que modelaram a forma como nos referimos ao trabalho na atualidade.

Na perspectiva de Marx (1993), o trabalho pode ser compreendido como a capacidade de transformar a natureza para atender às necessidades humanas. Dejours (2008) afirma que o trabalho tem caráter utilitário e também se apresenta como a afirmação da identidade do indivíduo. Para Antunes (1997), ele faz parte da condição humana, mas não é algo natural. Trata-se de ação essencial para se estabelecer o elo entre o homem e a natureza e entre a sociedade e a natureza. Segundo Brief e Nord (1990), a única definição possuidora de significado comum é a de que o trabalho possui um objetivo definido. No entanto, dentro da esfera social, existe um nível individual na centralidade do trabalho. England e Misumi (1986)

definem a centralidade do trabalho como o grau de importância na vida de um indivíduo em determinado momento de sua vida.

As percepções de Quitanilla e Wilperth (1988) estão sintonizadas com o estilo de vida atual ao retratarem a relevância do trabalho na esfera pessoal para a maioria das pessoas da sociedade contemporânea. O trabalho é definidor da estrutura de tempo (dias, meses, anos); divisor entre atividades pessoais e impessoais; legitimador social de diferentes fases da vida - estudo, trabalho e aposentadoria. Moreira (2011) corrobora essas ideias e ressalta que o trabalho funciona como uma das principais atividades reguladoras do dia a dia e costuma preencher grande parte das horas produtivas do cotidiano, sendo ainda responsável por desenvolver habilidades e gerar reconhecimento social.

O trabalho é necessidade existencial, cujos benefícios servem para a satisfação de demandas relacionadas à alimentação, moradia, educação, lazer e reconhecimento social. Torna-se, portanto, um elemento relevante para o autoconceito e identidade pessoais (TEZANOS, 1993). Alvarenga (2009) destaca que a importância do trabalho não se limita ao aspecto financeiro. Seu impacto interfere em diversos aspectos como na criatividade, na estrutura da rotina, nos projetos a serem traçados, na produtividade, nas relações sociais e na autonomia (RODRIGUES *et al.*, 2005). O trabalho é ponto essencial na vida das pessoas, principalmente ao se considerar atuais valores ocidentais capitalistas - de satisfação e produtividade (MORIN, 2001; ZANELLI, 2007; SOUZA; MATIAS; BRÊTAS, 2010).

Pesquisas multicêntricas realizadas pelo grupo Meaning of Working Research Team - MOW (1987) e por Morin (1997) demonstraram que a maioria das pessoas, mesmo que pudessem viver o resto de suas vidas confortavelmente, continuariam trabalhando. Para Andujar (2004) e Zanelli (2007), o trabalho ocupa espaço inegável na existência humana, sendo o principal regulador da forma como a vida se organiza. Somando-se a esse panorama, o sistema econômico atual faz com que as pessoas atribuam ao trabalho a conotação do dever moral e social; não tê-lo pode gerar culpa e vergonha (CHAUÍ, 2004). Além disso, de acordo com Alvarado (2012), sua interrupção ou uma nova condição de vida sem trabalho pode determinar uma variação importante nos padrões de desempenho pessoais, afetando diretamente a rotina, os hábitos e os papéis. São vários os motivos que levam pessoas a romperem com o trabalho, mas nos dias atuais, frequentemente, essa interrupção se dá pela chegada da aposentadoria, fenômeno previsível e com várias implicações para quem a vivencia (JONSSON *et al.*, 2001).

1.3. APOSENTADORIA

O termo aposentadoria - *jubilación* em espanhol - vem do latim *jubilatio*, e significa alegria, júbilo, diversão. Por outro lado, na língua inglesa, o termo *retirement* traz o sentido de retrair-se, retirar-se, isolar-se em solidão (RODRÍGUEZ, 2009). Na língua portuguesa, a aposentadoria revela, no sentido etimológico, a ideia de recolhimento, de retorno aos aposentos. Martinez (2009) afirma que quando alguém alcança a aposentadoria costuma-se atribuir a tal indivíduo a condição de jubilado, aquele que pelo serviço prestado merece o júbilo, o contentamento do repouso.

Rodríguez (2009) define que, do ponto de vista social e profissional, a aposentadoria é uma situação na qual as pessoas cessaram, voluntária ou involuntariamente, o trabalho, o que significa o término do desempenho de tarefas laborais remuneradas, mas também o desprendimento de um contexto habitual. Para o propósito deste estudo, considerou-se aposentadoria o período que se segue à finalização da contribuição do indivíduo na força de trabalho conforme Hewit *et al.* (2010).

O momento da aposentadoria é estabelecido diferentemente em cada país. No Brasil, esse processo ocorre em função da idade, por tempo de contribuição à seguridade social ou por invalidez. Oliveira *et al.* (2009) informam que se trata de acontecimento historicamente recente no nosso país, uma vez que o primeiro instituto de aposentadoria e pensões foi criado em 1934, e a unificação das caixas de aposentadoria e pensão aconteceu no fim dos anos 70. Em 1988, a Constituição Federal reconheceu a seguridade social como um dos direitos fundamentais do cidadão brasileiro.

Independentemente do motivo que leva o sujeito à aposentadoria, todos aqueles que a vivenciam deparam-se com uma nova rotina a partir do tempo livre que se amplia. Rotina é definida por Fiese (2002) e Segal (2004) como sequências estabelecidas de ocupações que dão estrutura à vida diária, podendo ser benéfica ou prejudicial à saúde. Silva (1999) expressa que, ao receberem o capital do seu tempo livre, surge para os aposentados a demanda pela criação e execução de novos projetos de vida para que esse tempo que se coloca à disposição não se transforme em vazio desmotivador. Zanelli (2012) aborda essa lacuna como possível fantasma de tédio e solidão. O aposentado, habituado a se guiar por seu trabalho, pode se sentir perdido

e angustiado ao perceber que a organização de suas ocupações, naquele momento, dependerá somente dele (ALGARÍN *et al.*, 2007). Pode haver dificuldade ou incapacidade de se refazer os sentimentos de utilidade e competência advindos do papel de trabalhador (GREGORY, 1983), além disso, existe um desafio em transformar novos projetos em ocupações concretas, incorporadas na rotina. Confirma Beauvoir (1990), ao dizer que a passagem da elaboração do projeto de vida para a sua efetivação é complexa e, não raramente, irrealizável para muitos aposentados. Frequentemente os aposentados encontram dificuldades em descobrir e executar ocupações que sejam realmente significativas (PAULIN; OLIVEIRA, 2009). Isso quer dizer que aqueles que passam por essa transição tranquilamente encontraram um caminho que merece ser investigado.

Para Jonsson *et al.* (2000), a experiência da aposentadoria é uma das mais significativas e usualmente abruptas, transições ocupacionais da vida. Rodríguez (2009) e Stav *et al.* (2012) ressaltam que essa fase pode se tornar a mais longa porção da vida adulta. Levando-se em conta o acelerado envelhecimento populacional e o aumento da expectativa de vida (Kuchemann, 2012), pessoas que se aposentam têm condições de se manter engajadas em ocupações por mais de 20 ou 30 anos (JONSSON, 2010).

A aposentadoria constitui um processo que varia de um sujeito para outro (CANIZARES; JACOB FILHO, 2011; RODRÍGUEZ, 2009; JONSSON *et al.*, 1997), assim como os mecanismos de enfrentamento para lidar com as mudanças. Para alguns, trata-se de fase que pode significar um período de retraimento de significados e, para outros, uma oportunidade de novas conquistas (ZANELLI, 2012).

Essas diferenças se ressaltam na história de vida dos idosos (BULLA; KAEFER, 2003). Lopes (2000), reconhecendo a heterogeneidade presente nesse fenômeno, tenta localizar aspectos comuns de influência na forma como os idosos enfrentam a vida sem o trabalho. França e Stepansky (2012) dizem que o estilo de vida, o tipo de trabalho exercido, o nível econômico e o estado de saúde estão relacionados com o bem estar alcançado nos anos seguintes à aposentadoria. Zanelli (2012) cita fatores individuais, socioculturais e ambientais, como a história laboral, o contexto social e de lazer, o nível socioeconômico, a relação familiar, as premissas religiosas, a espiritualidade, e a percepção da velhice que influenciam na qualidade de vida nesse período.

Estudos apontam para outro elemento não contemplado nas pesquisas relatadas anteriormente, como facilitador da adaptação à aposentadoria e à manutenção da saúde: o envolvimento em atividades e ocupações significativas (ALVARADO, 2012; RODRÍGUEZ, 2009; LIMA; VERAS, 2003; STAV *et al.*, 2012). Sabendo-se que a ocupação é fundamental para a manutenção e promoção da saúde e bem estar na aposentadoria, Jonsson (2008; 2010) e Jonsson *et al.* (2000) ressaltam que o fato de serem significativas as tornam mais favoráveis ao alcance de uma vida de qualidade. Ter satisfação com a rotina nessa fase tem relação com a possibilidade de se escolher e acessar ocupações significativas (PETTICAN; PRIOR, 2011). Mas ainda não se conhece a origem ou a fonte dessas ocupações para que sejam acessadas. Percebe-se uma lacuna na compreensão do processo percorrido pelo sujeito na transição para a aposentadoria. Mais precisamente, do momento em que acontece a ruptura com a rotina guiada pelo trabalho até a organização de um novo arranjo ocupacional que preencha o tempo livre com significado. Lacuna essa que

se refere ao que e como o sujeito acessou para constituir esse novo arranjo ocupacional de suporte ao seu engajamento na rotina sem o trabalho, elemento que, até então, funcionava como estabilizador da fase adulta (KIELHOFNER, 1980).

Frente a essa questão, constata-se a necessidade de estudos do conjunto das ocupações que preencheram a rotina do passado e se, de algum modo, tornam-se referência para a construção do novo arranjo ocupacional após a aposentadoria.

Especificamente na Terapia Ocupacional, o tema da aposentadoria tem sido estudado a partir do viés ocupacional. Hans Jonsson (2008), pesquisador de destaque nessa área, realizou um estudo longitudinal (1993-2002) em que acompanhou um grupo de pessoas nas fases de pré-aposentadoria, transição e pós-aposentadoria. A partir da análise das narrativas coletadas, o autor postulou uma nova conceituação e categorização das ocupações. Ele destacou que as categorizações das ocupações atualmente utilizadas na Terapia Ocupacional dos EUA, Europa, Canadá e Suíça são basicamente amparadas nos mesmos três grandes pilares do autocuidado, lazer e trabalho. Hammell (2004) ressaltou que essas categorias são insuficientes para apreender questões ligadas ao significado das ocupações na vida das pessoas. Sendo assim, Jonsson se propôs aprofundar na forma como as pessoas experienciam as ocupações sem, no entanto, incentivar o “abandono” da forma tradicional de categorização.

A partir da maneira como os entrevistados relataram suas vivências ocupacionais, Jonsson (2008) estabeleceu sete categorias de ocupações baseadas na experiência. São elas:

- ocupação engajada - ocupa papel de liderança no conjunto das ocupações e apresenta sete características: o alto nível de significado; a participação intensa que engloba o tempo gasto e a regularidade na realização; o desdobramento em outras atividades relacionadas; a evolução para um compromisso ou responsabilidade social; a conexão com um grupo de pessoas que compartilham interesses comuns; o fato de proporcionar identidade ao indivíduo e, por último, possuir características análogas ao trabalho, ainda que sem remuneração;
- ocupação social - relaciona-se ao contato com pessoas como cônjuge, amigos, netos e família em geral. Quando a ocupação engajada for ausente, a ocupação social pode desempenhar um papel similar e favorecer a adaptação na aposentadoria;
- ocupação relaxante - considerada como merecida e agradável, mas parece não possuir tanta importância quando a ocupação engajada está ausente. Entende-se que só é preciso relaxar quando se faz algo para se cansar;
- ocupação básica - ligada ao “ter que fazer” como hábito ou parte da rotina para satisfazer as necessidades diárias como alimentação, sono, higiene pessoal etc;
- ocupação regular - executada com regularidade, ainda que uma vez por mês ou por semana, mas não necessariamente implica em envolvimento com o que se está fazendo. Por exemplo, caminhadas para manter a saúde;

- ocupação irregular - realizada vez ou outra porque se vê nela um sentido positivo. Viajar, ir ao cinema ou ao teatro - alguns dos exemplos;
- ocupação para matar o tempo - na ausência de algo que gere envolvimento e significado, recorre-se a ela. Existe pela necessidade humana de se estar sempre fazendo algo.

A partir destas categorias, Jonsson delimitou dois grandes grupos de ocupações com padrões diferentes. Um mais fortemente relacionado ao bem estar, e outro indiferente para o bem estar. No primeiro estão em destaque as ocupações engajadas e sociais. A ocupação relaxante entra nesse grupo como algo necessário em contraste com a ocupação engajada. No segundo, encontram-se as básicas, as regulares, as irregulares e as para “matar o tempo”.

O autor destaca que as categorias - assim como os dois grandes grupos estabelecidos - não devem ser vistos como uma taxonomia fixa ou hierárquica, mas refere-se a esse aspecto como uma sugestão de raciocínio teórico que pode levar a questões ainda não contempladas.

1.4. PARADIGMA *LIFE SPAN* - ANCORAGEM TEÓRICA

O envelhecimento é compreendido, neste trabalho, como um processo que se inicia no primeiro dia de vida e se conclui com a morte. Viver é considerado o mesmo que envelhecer. A velhice coloca-se apenas como mais uma fase do envelhecimento.

Sendo assim, o desenvolvimento não se encerra nela (SOUZA; MATIAS; BRÊTAS, 2010).

Desde o século XVIII, os precursores da psicologia do desenvolvimento (TETENS, 1777; CARUS, 1808) direcionavam seus estudos à perspectiva *life span* - desenvolvimento ao longo de toda a vida -, diferentemente da maioria dos estudiosos da época que voltavam sua atenção para uma melhor compreensão do desenvolvimento infantil. Havia um predomínio da noção de declínio intelectual na vida adulta e na velhice, sem espaço para investimentos em pesquisas voltadas para a fase final da vida (NERI, 2006). As pesquisas empíricas realizadas nas premissas do *life span* só foram iniciadas de forma significativa no século XX, especificamente nas décadas de 60 e 70 (BALTES, 1987). Três eventos contribuíram para o crescimento da importância do paradigma *life span* no contexto científico. Foram eles o envelhecimento populacional nos países desenvolvidos do século XX, o surgimento da Gerontologia e o envelhecimento dos próprios pesquisadores dedicados ao trabalho do desenvolvimento infantil.

O paradigma *life span* - desenvolvimento ao longo de toda a vida - considera o desenvolvimento como um processo contínuo, heterogêneo e contextualizado com as situações vividas na história subjetiva (BALTES; SMITH, 2004). Encontra-se, então, a permanência e a mudança de comportamento ao longo da vida, desde a concepção até a morte; e as diferenças e semelhanças entre os indivíduos, considerando-se ainda a temporalidade e as diversas dimensões do desenvolvimento (BALTES, 1987; BALTES; SMITH, 2004). Atualmente, este paradigma é uma das correntes dominantes na Psicologia do Envelhecimento e

conta com um número cada vez maior de pesquisadores, inclusive na área da infância e da adolescência que o incorporaram em seus estudos (LERNER; DOWLING; ROTH, 2003).

Ao estudar a aposentadoria, pode-se constatar que a pessoa nessa fase pode encontrar-se em pleno desenvolvimento e não em momento de estagnação. Existe o prosseguimento de uma história ocupacional que não se desintegra com a chegada da aposentadoria. A bagagem de habilidades, interesses e experiências vai se acumulando ao longo da trajetória e permanece até o fim da vida. A partir do exposto, o paradigma do *Life span* foi eleito como ancoragem teórica desta pesquisa.

2 OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

Compreender e discutir, a partir da percepção do idoso aposentado, o modo como as ocupações realizadas no percurso de vida participam do processo de reorganização das ocupações na aposentadoria.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer a história das ocupações dos idosos.
- Identificar as ocupações realizadas no curso de vida e no período pós-aposentadoria.
- Entender o processo de reorganização das ocupações na aposentadoria.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

O desenho metodológico qualitativo foi escolhido para este estudo por permitir a compreensão da percepção de idosos aposentados quanto às ocupações realizadas no curso de vida. Turato (2005) ressalta que a metodologia qualitativa procura compreender o significado de um fenômeno para a vida das pessoas. Segundo esse autor, o significado interfere diretamente na estrutura da vida do sujeito, no sentido de implicar na maneira como as pessoas se organizam, inclusive com relação aos cuidados com a própria saúde. Para os pesquisadores qualitativistas, o que mais importa é como se dão os processos de determinadas vivências e não necessariamente os resultados matematicamente adquiridos ou que expressam relação de causa-efeito (TURATO, 2005).

3.1. PARTICIPANTES

Foram selecionados 30 participantes - com sessenta anos e mais - por conveniência. Segundo Robson (2002), esse método de amostragem permite a identificação dos participantes que possuem as características necessárias para a investigação do que se propõe. Os sujeitos deveriam, para tanto, estar aposentados por no mínimo três anos e, no máximo, 10, ser de ambos os sexos e com níveis de escolaridade e socioeconômicos variados. O tempo mínimo de aposentadoria estabelecido possibilitou que o entrevistado tivesse maior consistência na experiência do período da aposentadoria, sabendo o que representa viver naquele novo cenário. O tempo máximo foi determinado a fim de que não se perdesse a clareza necessária das memórias dos últimos anos que o tempo tende a apagar

(DUARTE; MELO-SILVA, 2009). O número final de entrevistas foi definido pelo critério de saturação que define o momento em que os dados coletados foram suficientes para se compreender o que se propôs estudar (MINAYO, 2010). Foram excluídos do estudo aqueles que retomaram alguma atividade de trabalho remunerado e regular após a aposentadoria. Da mesma forma, não foram incluídos idosos com comprometimentos cognitivos, mentais, de linguagem ou sensoriais, incapacidades físicas adquiridas após a aposentadoria, ou qualquer doença que pudesse reduzir sua capacidade de execução das atividades do dia a dia.

Foram entrevistados sete homens e 23 mulheres, na faixa etária de 60 a 73 anos, com idade média de 65,4 anos; o tempo de aposentadoria está entre três e sete anos. A renda variou entre um a mais de 20 salários mínimos mensais, correspondendo ao nível de escolaridade do ensino fundamental ao doutorado.

Os nomes dos participantes são fictícios para preservar a privacidade dos participantes e o sigilo acordado.

3.2. COLETA DE DADOS

Utilizou-se como recurso para a coleta de dados a entrevista semi-estruturada, pois, segundo Minayo (2010), ao mesmo tempo em que ela direciona o entrevistador, permite ao entrevistado expressar sua percepção, desprendendo-se da colocação formal.

No presente estudo foi construído um roteiro (APÊNDICE B), cujas 13 perguntas contemplaram a história profissional dos participantes e a relação dos mesmos com

o trabalho, as ocupações que realizavam para além da atividade laboral no passado, a maneira como se deu o processo de transição até a aposentadoria, a nova rotina com relação às ocupações e, por fim, a possibilidade da relação entre o que faziam anteriormente, extra trabalho, e o que realizam agora, como aposentados. Foi realizado um projeto piloto para verificar a adequação das perguntas e da linguagem utilizada diante do que era necessário contemplar.

O estudo foi iniciado após análise e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Minas Gerais (CAAE -13849413.5.0000.5149) (ANEXO A). As entrevistas foram realizadas com aqueles que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A).

As entrevistas tiveram duração entre 20 e 66 minutos, totalizando 19 horas e 46 minutos de gravação. Foram realizadas em condições favoráveis para a coleta dos dados nas residências dos participantes, em horário e dia de escolha dos mesmos. Todas elas foram gravadas em equipamento digital, com uso de microfone para melhor qualidade do áudio e, posteriormente, transcritas na íntegra para análise. Ao todo, obtiveram-se 458 páginas transcritas de entrevistas, devidamente encaminhadas aos participantes para confirmação do conteúdo disponibilizado.

3.3. ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados foram examinados, empregando-se a análise de conteúdo na modalidade de análise temática, que significa localizar os núcleos de sentido presentes nos discursos que tenham significado para o objeto estudado. A análise

temática se desdobra em três fases. A primeira, chamada de pré-análise, é composta pela leitura flutuante do corpus, e seguida de leituras exploratórias exaustivas para retomada dos objetivos iniciais da pesquisa e percepção dos primeiros indicadores para compreensão dos dados. A segunda fase - a exploração do material -, quando ocorre a formação das categorias; e a terceira, para tratamento dos resultados obtidos e interpretação (MINAYO, 2010).

4 ARTIGO

A aposentadoria na perspectiva ocupacional: continuidade do curso de vida e novas possibilidades

Cecília Melo Neves Xavier, Marcella Guimarães Assis, Kátia Maria Penido Bueno

Resumo

O acelerado envelhecimento populacional e o aumento da expectativa de vida concorrem para que pessoas que se aposentam estejam engajadas em ocupações por mais 20 ou 30 anos. Assim, os aposentados atuais precisam criar um novo arranjo ocupacional para suas vidas, sem o trabalho, ao longo de todo aquele tempo. Percebe-se uma lacuna na literatura quanto à compreensão desse processo de organização no que se refere ao modo como o sujeito acessará as ocupações que constituirão essa nova rotina. O presente trabalho objetiva compreender e discutir, a partir da percepção do idoso aposentado, como as ocupações realizadas no percurso de vida participam do processo de reorganização dessas ocupações na aposentadoria. Trata-se de estudo qualitativo com entrevistas semi-estruturadas, tendo como âncora teórica o paradigma *life span*. Da análise dos dados, emergiram quatro categorias: por toda a vida; antigos sentidos, novas ocupações; agora eu posso; outras possibilidades: a descoberta. Os resultados revelaram que ocupações realizadas no percurso de vida se tornam referências significativas na aposentadoria. Os entrevistados deram continuidade a muitas daquelas realizadas em fases anteriores. Encontrou-se ainda o surgimento da prática de novas ocupações, nunca antes realizadas, comprovando que esse momento pode também ser visto como tempo de abertura. Como valiosa fonte de referência, a

história ocupacional, deve ser considerada em orientações para uma boa adaptação nesta nova fase da vida.

Palavras-chave: Aposentadoria, Idoso, Ocupação

Retirement under an occupational perspective: life course continuity and new possibilities

Abstract

Due to accelerated aging and increased life expectancy, retired people have been presenting conditions for engaging in activities for over 20 or 30 years more. With this in mind, retired people will need to come up with new occupational arrangements for their lives without work throughout that time. There is large a gap on this theme's literature on understanding this organization process, in what concerns the way individuals will access the occupations that will constitute this new routine. The aim of this work is to understand and discuss, from the perception of the retired elderly, how the occupations performed in the course of life play a role in the reorganization of occupations in the retirement process. This is a qualitative study using semi-structured interviews, whose *life span* paradigm was used as a theoretical anchor, because it has premises in line with the object of study. Of the interviews that were carried out, four categories emerged: for life; old ways, new occupations: now I can, other possibilities: the discovery. Results revealed that occupations performed in the course of life become meaningful references during retirement. Respondents have continued many of them carried out in previous phases. The emergence of new occupations practice were also detected, some which never before performed, proving that this moment can also be seen as a starting time. The occupational history can be a valuable reference source to be considered in guidelines to a good adaptation to this new moment in life.

Keywords: Retirement, Elderly, Occupation

Introdução

O desenvolvimento humano pode ser concebido como um fenômeno dinâmico, heterogêneo e contextualizado que ocorre ao longo de toda a vida (*life span*) e inclui as situações vividas na história subjetiva¹. No curso das variadas fases do desenvolvimento, as ocupações se diversificam e possuem um papel importante sobre a criação e experimentação de um sentido vital, o que faz do homem um ser ocupacional². É por intermédio de ocupações exercidas que o homem se adapta aos ambientes e marca a sua existência³.

Christiansen e Townsend² argumentam que estar ocupado significa usar e assumir o controle do tempo e do espaço como pessoa engajada na vida. Na fase adulta, dentre as ocupações que compõem o repertório ocupacional humano, o trabalho merece especial atenção, podendo ser considerado um dos principais organizadores da vida e estruturador do dia a dia das pessoas. Ele ocupa espaço inegável na existência humana^{4,5}, funcionando como um definidor da estrutura de tempo (dias, meses, anos); como divisor entre atividades pessoais e impessoais; como legitimador social de diferentes fases da vida (estudo, trabalho e aposentadoria) e, ainda, é responsável por grande parte das horas produtivas no cotidiano, pelo desenvolvimento de habilidades e pela geração de reconhecimento social⁶.

Assim, a necessidade de interrupção do trabalho pode determinar uma variação importante nos padrões de desempenho pessoais, afetando diretamente a rotina, os hábitos e os papéis⁷ e interferindo significativamente nos arranjos ocupacionais dos indivíduos. Frequentemente, essa ruptura se dá pela chegada da aposentadoria, fenômeno que, embora previsível⁸, será enfrentado de diversas maneiras pelos indivíduos^{9,10,11}. Estudos realizados junto a idosos localizaram certos pontos comuns na forma como esses sujeitos enfrentam a vida sem o trabalho, identificando fatores que participam deste processo de adaptação, tais como a história laboral, o contexto social e de lazer, o nível socioeconômico, a relação familiar e as premissas religiosas^{9,12,13}.

Nesse sentido, o envolvimento em atividades e ocupações significativas é um elemento facilitador da adaptação à aposentadoria e à manutenção da saúde^{7,10,14}. No processo de organização de um novo arranjo ocupacional que preencha o tempo livre com significado, Jonsson^{16,17} e Jonsson, Borell e Sadlo et al.¹⁸ ressaltam que algumas ocupações, especificamente aquelas ditas engajadas e sociais, são mais favoráveis ao alcance de uma vida com qualidade. Compreendem-se como ocupações engajadas aquelas com alto nível de significado, que evoluem para um compromisso ou responsabilidade social e demandam participação intensa – o que engloba o tempo gasto e a regularidade na sua realização. Por estas razões, os sujeitos pesquisados no estudo citado atribuíram grande relevância às ocupações engajadas que ocupam papel de liderança, conectando pessoas que compartilham interesses comuns e proporcionando identidade ao indivíduo¹⁸. Porém, inexistindo as ocupações engajadas, elas podem ser substituídas por aquelas ditas sociais, que se referem ao contato com pessoas da família como cônjuge, filhos, netos, entre outros, bem como amigos e outras pessoas da comunidade¹⁷. Outras ocupações que compõe a classificação de Jonsson¹⁷ são: relaxante, básica, regular, irregular e para matar o tempo. A ocupação relaxante é considerada como merecida e agradável, mas parece não possuir tanta importância quando a ocupação engajada está ausente. Entende-se que só é preciso relaxar quando se faz algo para se cansar. A ocupação básica é ligada ao “ter que fazer” como hábito ou parte da rotina para satisfazer as necessidades diárias como alimentação, sono, higiene pessoal entre outras. A ocupação regular é executada com regularidade, ainda que uma vez por mês ou por semana, mas não necessariamente implicando em envolvimento com o que se está fazendo, por exemplo, caminhadas para manter a saúde. A ocupação irregular é realizada vez ou outra porque se vê nela um sentido positivo, como viajar, ir ao cinema ou ao teatro. A ocupação para matar o tempo, na ausência de algo que gere envolvimento e significado, recorre-se a ela. Existe pela necessidade humana de se estar sempre fazendo algo.

Com esse acelerado envelhecimento populacional e o aumento da expectativa de vida¹⁹, a fase pós-aposentadoria pode se tornar a porção mais longa da vida adulta. Pessoas que se aposentam têm condições de se manterem engajadas em ocupações por mais 20 ou 30 anos^{10,16}. Assim, os aposentados precisarão criar um novo arranjo ocupacional para suas vidas ao longo de todo esse tempo, sendo relevante conhecer quais ocupações estes sujeitos acessarão a partir da ruptura com a rotina guiada pelo trabalho. Sendo assim, o objetivo deste estudo é compreender e discutir, a partir da percepção da pessoa idosa aposentada, o modo como as ocupações realizadas no percurso de vida participam do processo de reorganização das ocupações na aposentadoria e no potencialmente longo período que se segue a ela.

Percurso Metodológico

O desenho metodológico qualitativo foi escolhido por permitir a apreensão da percepção e do significado atribuído pelos próprios idosos às ocupações que realizaram em fases anteriores da vida e as que realizam na aposentadoria. O enfoque teórico que embasa a análise e discussão dos resultados é o paradigma do life span que aborda o desenvolvimento como um processo dinâmico e permanente durante todo o curso de vida.

Participantes

Os participantes, com no mínimo sessenta anos de idade, foram selecionados por conveniência por meio de emails, cartazes afixados na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e procura, nos grupos de convivência da pesquisadora, pelas pessoas que cumprissem os critérios pré-definidos para serem incorporados na pesquisa. Segundo Robson²⁰, esse método permite a identificação dos participantes possuidores das características necessárias para a investigação do que se propõe. Foram critérios de inclusão: estarem aposentados há no mínimo três anos e, no máximo, 10, serem de ambos os sexos e com níveis de escolaridade e socioeconômicos variados. Este tempo mínimo de aposentadoria

foi adequado para que cada participante tivesse maior consistência nessa experiência e, portanto, maior consciência quanto a esse novo cenário²¹. O tempo máximo foi determinado para não se perder a clareza necessária das memórias dos últimos anos que o tempo tende a apagar. O número de sujeitos entrevistados foi definido por saturação²². Foram excluídos do estudo idosos que retomaram alguma atividade de trabalho remunerado e regular após a aposentadoria e aqueles com comprometimentos cognitivos, mentais, de linguagem ou sensoriais, incapacidades físicas adquiridas após a aposentadoria, ou qualquer doença que pudesse reduzir sua capacidade de execução das atividades cotidianas e ou as condições de comunicação. Os nomes usados no estudo são fictícios para preservar a privacidade dos participantes e o sigilo acordado entre o entrevistado e o pesquisador.

Coleta e análise dos dados

O estudo em questão utilizou entrevistas semi-estruturadas, cujas perguntas contemplaram a história profissional dos participantes e a relação deles com o trabalho, as ocupações realizadas para além da atividade laboral no passado, a maneira como se deu o processo de transição para a aposentadoria, como ficou a nova rotina com relação às ocupações e, por fim, perceber a possível relação entre o que faziam anteriormente, afóra o trabalho, e o que fazem no presente como aposentados.

Um projeto piloto foi realizado para verificar a adequação das perguntas e da linguagem utilizada.

O estudo foi iniciado após análise e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (CAAE -13849413.5.0000.5149). Os entrevistados tiveram participação voluntária na pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O contato para agendamento das entrevistas foi realizado por telefone. A duração das mesmas variou entre 20 e 66 minutos, totalizando 19

horas e 46 minutos de gravação. Todas as entrevistas foram realizadas em condições favoráveis para a coleta dos dados, nas residências dos participantes, em horário e dia de escolha dos mesmos, gravadas em equipamento digital com uso de microfone para melhor qualidade do áudio e integralmente transcritas para posterior análise. As transcrições foram encaminhadas aos participantes para confirmação do conteúdo disponibilizado.

Em seguida, os dados coletados foram avaliados, empregando-se análise de conteúdo na modalidade de análise temática²² que, por sua vez, é desdobrada em três fases. A primeira, considerada como pré-análise, foi composta pela leitura flutuante do corpus. Em seguida foram realizadas leituras exploratórias exaustivas para retomada dos objetivos iniciais da pesquisa e percepção dos primeiros indicadores para compreensão dos dados. A segunda, dedicada à exploração do material, momento da formação das categorias e, a terceira, para tratamento dos resultados obtidos e interpretação²².

Resultados e Discussão

Foram entrevistados sete homens e 23 mulheres de 60 a 73 anos. A média das idades foi de 65,4 anos e o tempo de aposentadoria variou entre três e sete anos. Em relação à escolaridade, 13 cursaram até o ensino fundamental; quatro, o ensino médio e 13 concluíram o nível superior, enquanto a faixa de renda esteve compreendida entre um a mais de 20 salários mínimos mensais. Com relação ao estado civil, cinco eram solteiros, seis viúvos e 19 casados. Quatro se aposentaram por idade, 17 por tempo e nove por tempo e idade. Quanto à relação com o trabalho, 19 participantes relataram uma experiência positiva, três, uma experiência negativa e sete uma relação tanto positiva quanto relativa.

A partir da análise das entrevistas, considerando o conjunto das ocupações realizadas no curso de vida e suas relações com os períodos de pré e pós-aposentadoria, quatro

categorias emergiram: Por toda a vida; Antigos sentidos, novas ocupações; Agora eu posso; Outras possibilidades: a descoberta.

Por toda a vida

Nesta categoria, os entrevistados referem-se a algumas ocupações que os acompanham por muitos anos ou ao longo de toda a vida. Duas entrevistadas relatam suas experiências. A primeira diz: *Eu comecei a bordar eu era pequena, eu tinha acho que uns seis, sete anos, minha mãe, minha mãe bordava muito. [...] aí eu aprendi. Pequeninha e mexo com isso até hoje (Irene, 66 anos)*. Outra senhora explica: *Antes deu aposentar eu já fazia, [produção de sabão] desde quando eu descobri que podia aproveitar aquele óleo aí eu comecei a fazer [sabão]. [...] só compro sabão pra lavar roupa [...] na máquina (Izabela, 67 anos)*. As experiências desse tipo de continuidade ocupacional apareceram com grande intensidade e relevância nos dados analisados.

No dinamismo do cotidiano em que a rotatividade de atividades e ocupações que preenche a rotina é intensa, variando nas diferentes fases da vida, é interessante observar que algumas delas resistem às vicissitudes e permanecem com grande durabilidade na história dos sujeitos, sem interrupção, como informa este senhor: *Toda vida eu fui ao cinema. Encontrar com os amigos, final de semana, pra tomar uma cerveja, eu sempre fiz e continua a mesma coisa, né? Isso aí não mudou nada não (Paulo, 71 anos)*.

Dessa forma, as ocupações compõem um estilo de vida, participam e formatam nossas identidades pessoais, sociais e culturais². Considerando-se que a pessoa atravessou episódios importantes da sua história sem interromper a execução de determinada ocupação, imagina-se que essa passa a ser constitutiva da identidade do sujeito². De tal modo que, quando enfrentamos uma situação de mudança significativa – como a aposentadoria, considerada uma das maiores e mais abruptas transições ocupacionais vivenciadas⁸ - as ocupações podem

representar âncoras no momento desta adaptação quando, espontaneamente, recorreremos aos recursos armazenados na trajetória da nossa história. Zanelli e Silva²³ sugerem que as atividades realizadas no percurso de vida tornam-se sólidos pontos de referência em situações futuras. Pode-se dizer, que o que se faz por vontade própria, regularmente, com grande dedicação de tempo e que se desdobra em outras ocupações carrega tamanha riqueza que ganha um destaque no conjunto das ocupações realizadas. Jonsson¹⁷ nomeou essas ocupações como engajadas, pois envolvem um alto nível de significado e produzem uma verdadeira satisfação para quem as realiza. Dessa forma, pode-se pensar que estar em contato com uma mesma ocupação por longos anos implica em grande dedicação e envolvimento com a mesma, características que fazem com que as ocupações encontradas nesta categoria possam ser consideradas engajadas.

Antigos sentidos, novas ocupações

Diferentemente da primeira categoria, o que perdura aqui é o significado da ocupação, e não a sua realização, como registra esta mulher: *Eu falei assim: [...] eu quero trabalhar com pessoas. Aí por isso que eu parti pra enfermagem [...] (Taiz, 64 anos)*. Quanto à aposentadoria, a entrevistada prossegue em seu relato. *[...] hoje eu tô concentrando minhas energias em ajudar a minha filha que teve, que teve neném [...] [...] eu vou lá de manhã, dou banho no neném [...]. Arrumo as coisinhas dela lá, deixo [...] tudo organizado, vejo como é que ela tá, aí eu venho embora [...] fico lá o tempo que ela precisa [...]*.

Percebe-se, portanto, que a experiência do cuidado foi mantida, tornando-se a via de conexão que perpassa diferentes ocupações na vida da entrevistada. Em um primeiro momento, a profissão de Enfermagem e na aposentadoria, o cuidado com a neta. Contudo, observa-se um arranjo mais complexo do que simplesmente a presença da mesma ocupação

na vida do sujeito, pois ao mesmo tempo em que há um elemento de permanência, no caso, o cuidado, - fazendo perdurar o sentido-, muda o que se faz.

De forma semelhante, outro entrevistado expressa uma relação de permanência de sentido e de mudança da ocupação. *Eu fui conselheiro do CREA, diretor de Sindicato e ajudei a criar a associação dos funcionários [...], que é uma atividade mais política [...]* (**Marcelo, 63 anos**). No momento pós-aposentadoria, ele se envolve com a defesa do meio ambiente onde vive. *Essa questão das atividades aí da [...] comissão em defesa do patrimônio e meio ambiente do condomínio. [...] é uma ..., uma atividade política [...] porque tem articulação com os movimentos...*

Portanto, diante de um amplo leque de possibilidades ocupacionais que a cultura e a sociedade oferecem, o indivíduo faz escolhas em que estão implícitos seus interesses, suas habilidades e sentidos ocupacionais. Percebe-se, assim, que outras atividades podem ser conectadas àquilo que a pessoa realizou antes do evento da aposentadoria²⁴, ou seja, a ocupação deixa de ser realizada, mas o sujeito transfere o seu significado para outra. Assim, eles se dirigem aos significados ocupacionais, para dar sustentação à nova rotina, o que coloca em evidência o desejo do sentido de permanência da vivência anterior e de novidade para este momento da vida.

Agora eu posso!

Duas mulheres descrevem a sensação de liberdade experimentada com a aposentadoria: *Não, a única coisa que eu queria fazer, [...] quando eu aposentasse eu queria tê tempo pra mim fazê academia, pra mim fazê uma hidroginástica, pra mim fazê uma caminhada... que a gente não tinha tempo, né? Então isso ai tudo eu faço. [...]Quando eu aposentei eu fiquei igual um passarinho* (**Helena, 63 anos**).

[...] eu começava aí não tinha tempo hábil, eu não tinha tempo de estudar [...] o inglês. Eu acho que eu não tinha muito tempo de pensar em outra coisa até então. [...] na segunda-feira aí eu tenho aula de inglês [...] (**Luiza, 62 anos**). Aqui se percebe que o tempo livre adquirido é um elemento que viabiliza o reencontro com ocupações já exercidas, mas não praticadas continuamente em função da rotina mais restritiva, intensamente dedicada ao trabalho. Independentemente da forma como a aposentadoria é vivida, uma consequência inevitável é a mudança no modo de se utilizar o tempo²⁵. Para Alvarado⁷, romper com o trabalho é mover-se do tempo completamente preenchido para uma rotina aberta, com possibilidades de descortinar ocupações que gerem bem estar¹³. Pettican e Prior²⁶ também evidenciaram uma intensificação da realização de ocupações prazerosas em função da diminuição das responsabilidades ligadas ao trabalho. Ou seja, o aposentado vive uma situação de ampliação do tempo livre e nesse contexto pode retornar a antigas referências ocupacionais impossibilitadas de serem mantidas naquela época e pode as colocar em andamento. A intensidade com a qual as ocupações, principalmente o trabalho, são exercidas no período pré-aposentadoria, acrescida ao fato de que algumas ocupações prazerosas são descontinuadas, resulta numa “lista de desejos” que encontra na estrutura temporal mais flexível da aposentadoria, um contexto propício para seu resgate. Por ser uma ocupação retomada em momento futuro, é possível que ela comporte significados relevantes para o sujeito. Afinal, as atividades realizadas no percurso da vida constroem um repertório de competências no aposentado que pode ser acessado em outra fase, em um diferente contexto¹³.

As três categorias anteriores indicam um sentido de continuidade experimentado de formas diferentes, seja pela prática das mesmas ocupações, inclusive daquelas resgatadas após uma interrupção, ou de significados que perduram. A continuidade sem interrupção da mesma ocupação é encontrada apenas na primeira categoria. Trata-se da permanência da ocupação em si de forma mais evidente. Diferentemente, na segunda, a continuidade se manifesta

apenas na prevalência do sentido e, na terceira, no resgate de uma ocupação que foi interrompida. Enquanto na primeira e na terceira categorias o que se assinala como continuidade é a permanência da mesma ocupação, na segunda não é a ocupação em si que se mantém, mas o sentido. Quando as pessoas querem significar suas vidas durante grandes transições como a aposentadoria, suas histórias as direcionam a um modo particular de sentido em que passado, presente e futuro devem estar ligados entre si¹¹.

Independentemente de suas variações, as três categorias se alinham com as premissas do paradigma *life span*. Elas explicitam o movimento presente na aposentadoria e evidenciam que o desenvolvimento é um processo contínuo, heterogêneo e contextualizado¹. Neste estudo, temos uma diversidade de ocupações realizadas pelos aposentados. Cada um, dentro do seu contexto, reestabeleceu o seu novo arranjo ocupacional.

Outras possibilidades: a descoberta

A quarta categoria põe em relevo o potencial de construção permanente do desenvolvimento a partir de novos elementos, como ilustra o relato desta mulher: *Ah, porque, sei lá...igual jogar bingo, eu nunca tinha jogado, né? Agora até que eu gosto de jogar. Agora eu participo (Elizabeth, 65 anos)*. A aposentadoria pode ser uma fase não só de seguimento das referências construídas ao longo da vida, mas também de efetiva abertura para o novo. *Hoje é bom, caminhar é mior coisa que tem, né? Não faz, não faz assim parte com aquilo que fazia não. Antigamente, antes de aposentar não andava não, ué. Só depois que eu comecei a andar, no caso, depois que eu aposentei. Leonardo, 71 anos*. Percebe-se uma ruptura com o formato de continuidade e o aparecimento de ocupações inéditas. As mudanças que se dão no arranjo ocupacional a partir do rompimento com o trabalho podem trazer outros interesses e possibilidades de ocupações não realizadas ou imaginadas anteriormente¹⁸. Para Zanelli¹³, é um período propício a descobertas e aprendizados sobre si e sobre o mundo, intensificando o desenvolvimento pessoal. Novos projetos podem ser criados e colocados em prática,

mantendo-se a rotina preenchida e com significado. A fase da aposentadoria pode significar para alguns um período de retraimento de significados e, para outros, uma oportunidade de novas conquistas¹³. A aposentadoria desperta reações variadas nas pessoas, mas para todos há a necessidade de um rearranjo ocupacional. Silva²⁷ expressa que, surge, para os aposentados, a demanda pela criação e execução de novos projetos de vida, para que esse tempo que se coloca à disposição não se transforme em vazio desmotivador. Cabe a cada um colocar em prática o que lhe dá sentido.

Os relatos de todas as categorias expressaram a capacidade das pessoas de darem sequência ao que desenvolviam antes da aposentadoria ou, ainda, para criação de um diferente contexto ocupacional, comprovando o potencial humano de iniciar algo novo em qualquer época da vida²⁸. Os entrevistados explicitaram que o desenvolvimento não está restrito às fases mais precoces, que não se conclui na velhice, mas se estende por todo o curso de vida, como postulado no paradigma *life span*²⁹. Ele considera as conexões entre eventos e processos anteriores e posteriores. A teoria do desenvolvimento ao longo de toda a vida, assim como os resultados encontrados nesta pesquisa, confirmam que pode haver movimento e crescimento na velhice, levando a novos aprendizados e aquisições em momentos de transição e de ruptura como acontece na aposentadoria.

Essa pesquisa aborda o tema da aposentadoria por uma perspectiva ocupacional e permite reforçar a importância do histórico ocupacional como referência organizadora do cotidiano no período da aposentadoria, bem como referência de sentidos ocupacionais construídos no percurso de vida. Por outro lado, os resultados ainda evidenciaram a possibilidade de desenvolvimento de novas ocupações, indicando que esse momento também pode ser visto como tempo de efetiva abertura para o novo.

Considerações finais

O estudo em questão revela que as ocupações realizadas no percurso de vida se tornam referências significativas no momento em que o sujeito precisa criar um novo arranjo ocupacional na aposentadoria. Observou-se que os entrevistados deram continuidade a muitas das ocupações realizadas na fase laboral após a ruptura com o trabalho. Continuidade esta que aconteceu de diferentes formas, quer seja pela manutenção contínua da ocupação, pela permanência do sentido nela embutido ou, ainda, pelo resgate de uma ocupação interrompida. As experiências de continuidade apareceram com grande intensidade e relevância neste estudo.

Encontrou-se, também, o surgimento da prática de novas ocupações não planejadas ou imaginadas pelos aposentados, comprovando que esse momento vai além da manutenção de referências passadas. Surge a novidade, indicando a possibilidade de abertura da vida e o potencial de desenvolvimento constante. O momento da aposentadoria também pode ser tempo de crescimento e desenvolvimento pessoal, de novos aprendizados e aquisições.

A referida pesquisa se sustentou na compreensão da organização das ocupações para a vida humana, de modo específico, enfocando a fase da aposentadoria. Dessa maneira, espera-se que esse estudo possa contribuir com profissionais que atuam no atendimento de indivíduos aposentados e em programas de preparação para a aposentadoria. Considerando a necessidade de se estabelecerem novos arranjos ocupacionais nesse período, evidenciou-se, ainda, que a história ocupacional pode significar uma fonte relevante no que toca a orientações para a adaptação a essa nova fase da vida.

Referências

- 1) Baltes PB, Smith J. Lifespan Psychology: From developmental contextualism to developmental biocultural co-constructivism. *Research in Human Development* 2004; 1(3):123-144.
- 2) Christiansen C, Townsend E. *Introduction to Occupation: The Art and Science of Living*. Upper Saddle River: Pearson Education; 2009.

- 3) Sennett R. *O artífice*. Tradução de Clóvis Marques. 2a ed. Rio de Janeiro: Record; 2009.
- 4) Zanelli V. Influências da aposentadoria na identidade pessoal. Santa Catarina In: Graduação em Psicologia; 2007; Santa Catarina. 58p.
- 5) Souza RF, Matias HA, Brêtas, ACP. Reflexões sobre envelhecimento e trabalho. *Ciênc. Saúde Coletiva* 2010; 15(6):2835-2843.
- 6) Moreira JO. Imaginários sobre aposentadoria, trabalho, velhice: estudo de caso com professores universitários. *Psicol. Estud.* 2011; 16(4):541-550.
- 7) Alvarado I, Huerta APL, Díaz CAO, González VAVG, Waleska K. Jubilación: câmbios percebidos em relación a rutinas y roles en adultos mayores no institucionalizados de la ciudad de Punta Arenas. *Rev Chilena Ter Ocup* 2012; 12(1):1-10.
- 8) Jonsson H, Josephsson S, Kielhofner G. Narratives and Experience in an Occupational Transition: A Longitudinal Study of the Retirement Process. *Am J Occup Ther* 2001; 55(4):424-432.
- 9) Canizares JCL, Jacob Filho W. Fatores de risco à senilidade na transição à aposentadoria. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.* Rio de Janeiro 2011; 14(3):425-432.
- 10) Rodríguez GH. Cese de la actividad profesional y preparación para la jubilación. *Cuadernos Relaciones Laborales* 2009; 27(2):63-81.
- 11) Jonsson H, Kielhofner G, Borell L. Anticipating Retirement: the formation of Narratives Concerning an Occupational Transition. *Am J Occup Ther* 1997; 51(1): 49-56.
- 12) Lopes, RGC. *Saúde na velhice: as interpretações sociais e os reflexos no uso do medicamento*. São Paulo: EDUC; 2000.
- 13) Zanelli JC. Processos Psicossociais, bem-estar e estresse na aposentadoria. *Rev. Psicol. Organ. Trab.* 2012; 12(3):329-340.
- 14) Lima-Costa MF, Veras R. Saúde Pública e Envelhecimento. *Cad. Saúde Pública* 2003; 9(3):700-701.
- 15) Stav WB, Hallenen T, Lane J, Arbesman M. Systematic review of occupational engagement and health outcomes among community-dwelling older adults. *Am J Occup Ther* 2012; 66(3):301-310.
- 16) Jonsson H. The First Steps into the Third Age: The Retirement Process from a Swedish Perspective. *Occup. Ther. Int.* 2010; 18:32-38.
- 17) Jonsson H. A new direction in the conceptualization and categorization of occupation. *J Occup Sci* 2008; 15(1):3-8.
- 18) Jonsson H, Borell L, Sadlo G. Retirement: an occupational transition with consequences for temporality, balance and meaning of occupations. *J Occup Sci* 2000; 7(1):29-37.
- 19) Kuchemann, BA. Envelhecimento populacional, cuidado e cidadania: velhos dilemas e novos desafios. *Soc. Estado* 2012; 27(1):165-180.

- 20) Robson C. *Real world research*. 2nd ed. Oxford: Blackwell Publishing; 2002.
- 21) Duarte CV, Melo-Silva LL. Expectativas diante da aposentadoria: Um estudo de acompanhamento em momento de transição. *Rev. Bras. Orientac. Prof* 2009; 10(1):45-54.
- 22) Minayo MC. *O Desafio do Conhecimento*. 10ed. São Paulo: Hucitec; 2010.
- 23) Zanelli JC, Silva N. *Programa de preparação para aposentadoria*. Florianópolis: Insular; 1996.
- 24) Zanelli JC. O programa de preparação para a aposentadoria como um processo de intervenção ao final de uma carreira. *Revista do CFH* 2000, (4):157-176.
- 25) Paulin GST, Oliveira ML. Terapia Ocupacional no processo de envelhecimento e aposentadoria: construção de espaços saudáveis. *O Mundo da Saúde São Paulo* 2009; 33(2):246-252.
- 26) Pettican AR, Prior S. *'It's a new way of life': an exploration of the occupational transition of retirement*. *Br J Occup Ther* 2011; 74(1):12-19.
- 27) Silva MGS. Idosos aposentados: Representações do cotidiano. *Est Interdiscipl Envelhec* 1999; 1:91-104.
- 28) Arendt, H. *A condição humana*. 10ª ed. Trad. Roberto Raposo. Chicago: Editora Forense Universitária; 1991.
- 29) Baltes PB, Lindenberger U, Staudinger UM. *Life span theory in developmental psychology*. John Wiley & Sons, Inc.; 1998.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças no perfil demográfico, presentes na atualidade, geram novas questões sobre o envelhecimento que demandam discussões mais aprofundadas e efetivas. Com o aumento da longevidade um maior número de pessoas está alcançando a aposentadoria e como consequência enfrentando o desafio de se criar um novo arranjo ocupacional para se manterem engajados nos anos que se seguem.

O estudo em questão revela que as ocupações realizadas no percurso de vida se tornam referências significativas no momento em que o sujeito precisa criar um novo arranjo ocupacional na aposentadoria. Os entrevistados deram continuidade a muitas das ocupações realizadas na fase laboral após a ruptura com o trabalho. Continuidade esta que aconteceu de formas diferentes, sendo pela manutenção sem interrupção da ocupação, pela permanência do sentido nela embutido ou, ainda, pelo resgate de uma ocupação interrompida. As experiências desse tipo de continuidade apareceram com grande intensidade neste estudo.

Encontrou-se, também, o surgimento da prática de novas ocupações não planejadas ou imaginadas pelos aposentados, comprovando que esse momento, a reorganização ocupacional vai além da manutenção de referências passadas. Surge a novidade, indicando a possibilidade de abertura da vida, potencializando o desenvolvimento nesta fase. O momento da aposentadoria também pode ser tempo de crescimento e desenvolvimento pessoal, de novos aprendizados e aquisições.

A referida pesquisa se sustentou na compreensão da organização das ocupações para a vida humana, de modo específico, enfocando a fase da aposentadoria.

Dessa maneira, espera-se que esse estudo possa contribuir com profissionais que atuam no atendimento de indivíduos aposentados e em programas de preparação para a aposentadoria. Considerando a necessidade de se estabelecerem novos arranjos ocupacionais nesse período, evidenciou-se, ainda, que a história ocupacional pode significar uma fonte relevante no que toca a orientações para uma boa adaptação a essa nova fase da vida.

Em função da riqueza dos dados coletados constata-se a possibilidade de desdobrá-los em outros estudos que aprofundem em questões não contempladas como por exemplo o significado das ocupações realizadas pelos sujeitos nos períodos de pré e pós aposentadoria.

REFERÊNCIAS

- ALVARADO, I.; *et al.* Jubilación: cambios percibidos en relación a rutinas y roles en adultos mayores no institucionalizados de la ciudad de Punta Arenas. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, v. 12, n.1, p.1-10. agosto 2012.
- ALVARENGA, L.N.; *et al.* Repercussões da aposentadoria na qualidade de vida do idoso. *Rev Esc Enferm USP*, v.43, n.4, p. 796-802. dez . 2009.
- AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION (AOTA). Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process. *Am J Occup Ther*, v.63, n.6, p. 625-683. Nov./Dec. 2008.
- ANDUJAR, A.M. *Modelo de qualidade de vida dentro do domínio biopsicossocial para aposentados*.108f. Tese [Doutorado em Engenharia da produção]. — Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- ANTUNES, R. Apresentação. In: LESSA, S. *Trabalho e ser social*. Maceió: EUFC/EDUFAL, 1997.
- ARENDDT, H. *A condição humana*. 10.ed. Tradução: Roberto Raposo. Chicago: Editora Forense Universitária, 1991. p. 188-93.
- BALTES, P. B. Theoretical propositions of life span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. *Dev Psychol*, v.23,n.5, 611–626. Sept. 1987.
- BALTES, P.B. ; SMITH, J. Lifespan Psychology: From developmental contextualism to developmental biocultural co-constructivism. *Research in Human Development*, v.1, n.3, p.123-144. 2004.
- BARRERA ALGARÍN, E.; MALAGÓN BERNAL, J. L.; SÁNCHEZ-SERRANO, J. L. S. Evolución de la Preparación a la Jubilación en la empresa. Universidad Pablo de Olavide (Sevilla, España). *Aposta: Revista de ciencias sociales*. n. 35, oct./nov./dic. 2007.Disponível em :<<http://www.apostadigital.com/revistav3/hemeroteca/ebarrera.pdf>> Acesso em dez 2013.
- BEAUVOIR, S. *A velhice*. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1990.

BORGES, L. O.; YAMAMOTO, O. H. O mundo do trabalho. In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil*. Porto Alegre: Artmed. 2004.

BRIEF, A. P.; NORD, W. R. *Meaning of occupational work*. Toronto: Lexington Books, 1990.

BULLA, L. C.; KAEFER, C.O. Trabalho e aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado. *T & C*, v. 2, n. 1, p.1-8, dez. 2003.

CANIZARES, J. C. L; JACOB FILHO, W. Fatores de risco à senilidade na transição à aposentadoria. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol*, v.14, n.3, p.425-432. 2011.

CARUS, F. A. Psychologie. Zweiter Theil: Specialpsychologie [Psychology: Vol. 2. Special Psychology]. Leipzig, East Germany: Barth & Kummer, 1808.

CHAUÍ, M. O retorno do teológico-político. In: CARDOSO, S. *Retorno ao republicanismo*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

CHRISTIANSEN, C. H.; HAMMECKER, C. L. Self care. In: BONDER, B. R.; WAGNER, M. B. (Ed.). *Functional performance in older adults*. Philadelphia: F. A. Davis, 2001. p. 155–175.

CHRISTIANSEN, C.; BAUM, C. *The Nature of Occupations*. Bethesda: Draft Copyright, 2001. p. 2-6.

CHRISTIANSEN, C.; TOWNSEND, E. *Introduction to Occupation: The Art and Science of Living*. Upper Saddle River: Pearson Education, 2009. p.1-13.

CHRISTIANSEN, C.H. Defining Lives: Occupation as Identity: An Essay on Competence, Coherence, and the Creation of Meaning. *Am J Occup Ther*, v.53, n.6, p.547–558. Nov./Dec.1999.

DEJOURS, C. *Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. Brasília: Paralelo 15, 2008.

DUARTE, C.V.; MELO-SILVA, L.L. Expectativas diante da aposentadoria: Um estudo de acompanhamento em momento de transição. *Rev. bras. orientac. prof*, v.10, n.1, p.45-54. 2009.

ENGLAND, G. W.; MISUMI, J. Work centrality in Japan and United States. *J. Cross-Cult. Psychol*, v. 17, n. 4, p. 399-416, 1986.

FIGESE, B.H.; *et al.* A review of 50 years of research on naturally occurring family routines and rituals: Cause for celebration? *J Fam Psychol*, v.16, n.4, p.381–390. Sept. 2002.

FRANÇA, L.; STEPANSKY, D. (Org.). *Propostas multidisciplinares para o bem-estar na aposentadoria*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ.2012.

GREGORY, M.D. Occupational behavior and life satisfaction among retirees. *Am J Occup Ther*, v. 37, n.8, p.48-553. Aug. 1983.

HAMMELL, K. W. Dimensions of meaning in the occupations of daily life. *Can J Occup Ther*, v.71, n.5, p.296-305.2004.

HEWITT, A.; HOWIE, L.; FELDMAN, S. Retirement: what will you do? A narrative inquiry of occupation-based planning for retirement: implications for practice. *Aust Occup Therap J*, v.57, n.1, p.8-16. 2010.

HINOJOSA, J.; KRAMER, P. Fundamental concepts of occupational therapy: Occupation, purposeful activity, and function [Statement]. *Am J Occup Ther*, v.51, n.10, p. 864–866. Nov/Dec. 1997.

JONSSON, H. A new direction in the conceptualization and categorization of occupation. *J Occup Sci*. v. 15, n.1, p. 3-8. Apr. 2008.

JONSSON, H. The First Steps into the Third Age: The Retirement Process from a Swedish Perspective. *Occup Ther Int*, v. 18, n.1, p.32–38. 2010.

JONSSON, H.; BORELL, L.; SADLO, G. Retirement: an occupational transition with consequences for temporality, balance and meaning of occupations. *J Occup Sci*, v.7, n.1, p.29-37. Apr. 2000.

JONSSON, H.; JOSEPHSSON, S.; KIELHOFNER, G. Narratives and Experience in an Occupational Transition: A Longitudinal Study of the Retirement Process. *Am J Occup Ther*, v. 55, n.4, p.424-432. 2001.

JONSSON, H.; KIELHOFNER, G.; BORELL, L. Anticipating Retirement: the formation of Narratives Concerning an Occupational Transition. *Am J Occup Ther*, v.51, n.1, p.49-56. Jan. 1997.

KIELHOFNER, G. A model of a human occupation, Part 2. Ontogenesis from the perspective of temporal adaptation. *Am J Occup Ther*, v. 34, n.6, p.657-663. 1980.

KIELHOFNER, G. *A model of human occupation: Theory and application*. Baltimore: Lippincott Williams & Wilkins; 2008. p.11-23.

KUCHEMANN, B.A. Envelhecimento populacional, cuidado e cidadania: velhos dilemas e novos desafios. *Soc. Estado*, v.27, n.1, p.165-180. 2012.

LAW, M.; *et al.* Core concepts of occupational therapy. In: TOWNSEND, E. *Enabling occupation: An occupational therapy perspective*. Ottawa: Canadian Association of Occupational Therapists, 1997. p. 29-56.

LERNER, R. L.; DOWLING, E.; ROTH, S. L. Contributions of Lifespan Psychology to the future elaboration of developmental systems theory. In: STAUDINGER, U. M.; LINDERBERGER, U. (Ed.). *Understanding human development*. Dialogues with Lifespan Psychology. Boston: Kluwer, 2003. p. 413-422.

LILLO, S.G.; CASTRO, L.R. Ocupación: definición y concepto. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, Publicação anual, p. 5-7. oct. 2001.

LIMA-COSTA, M.F.; VERAS, R. Saúde Pública e Envelhecimento. *Cad. Saúde Pública*, v.9, n.3, p.700-701, maio/jun. 2003.

LOPES, R. G. C. *Saúde na velhice: as interpretações sociais e os reflexos no uso do medicamento*. São Paulo: EDUC, 2000.

MARTINEZ, L. A aposentadoria e a volta ao trabalho: extensão e limites dos direitos previdenciários do trabalhador aposentado. *Revista eletrônica mensal do curso de Direito da UNIFACS*, n.107, maio 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/672>> Acesso em 30/11/2012.

- MARX, K. *Os manuscritos econômicos e filosóficos: Vol. 22. Textos filosóficos.* Lisboa, Portugal: Edições 70, 1993.
- MEANING OF WORKING INTERNATIONAL RESEARCH TEAM. *The meaning of working.* New York: Academic Press, 1987. 400p.
- MINAYO, M.C. *O Desafio do Conhecimento.* 10.ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- MOREIRA, J. O. Imaginários sobre aposentadoria, trabalho, velhice: estudo de caso com professores universitários. *Psicol. Estud.*, v.16, p.541-550, 2011.
- MORIN, E. M. Le sens du travail pour des gestionnaires francophones. *Revue Psychologie du Travail et des Organisations*, v. 3, n. 2/3, p. 26-45, 1997.
- MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. *Rev. adm. Empres*, v. 41, n. 3, p. 8-19. jul./set. 2001.
- MOSEY, A. C. *Applied scientific inquiry in the health professions: An epistemological orientation.* 2nd ed. Bethesda, MD: American Occupational Therapy Association, 1996.
- NELSON, D.L. The experimental analysis of therapeutic occupation. *Developmental Disabilities Special Interest Section Newsletter*, v.16, n.2, p. 7–8. Jun.1996.
- NERI, A.L. O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. *Temas psicol*, v. 14, n. 1, jun. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 dez. 2013.
- OLIVEIRA, C.; TORRES, A. R.R.; ALBUQUERQUE, E. S. Análise do bem estar psicossocial de aposentados de Goiânia. *Psicol. estud.*, v.14, n.4, p.749-757, out.-dez. 2009.
- PAULIN, G.S.T.; OLIVEIRA, M.L. Terapia Ocupacional no processo de envelhecimento e aposentadoria: construção de espaços saudáveis. *Mundo da Saúde*, v.33, n.2, p.246-252. 2009.

PETTICAN A.; PRIOR S. It's a new way of life': an exploration of the occupational transition of retirement. *Br J Occup Ther*, v.74 ,n.1, p.12-19. Jan. 2011.

PIERCE, D. Untangling occupation and activity. *Am J Occup Ther*, v.55, n.2, p.138–146. Mar/Apr. 2001.

QUITANILLA, S. A. R.; WILPERT, B. The meaning of working - scientific status of a concept. In: KEYSER,V.; *et al.* (Ed.). *The meaning of work and technological options*. Chischester, New York: John Wiley & Sons, 1988.

REED, K. L. An annotated history of the concepts used in occupational therapy. In: CHRISTIANSEN, C.H.; BAUM, M.C.; BASS-HAUGEN, J.; (Ed). *Occupational therapy*. Performance, participation, and well-being. Thorofare: Slack; 2005. p. 567–626.

ROBSON C. *Real world research*. 2nd.ed. Oxford: Blackwell Publishing; 2002.

RODRIGUES, M.; *et al.* A preparação para a aposentadoria: o papel do psicólogo frente a essa questão. *Rev. bras. orientac. Prof*, v.6, n.1, p.53-62. 2005.

RODRÍGUEZ, G.H. Cese de la actividad profesional y preparación para la jubilación. *Cuadernos Relaciones Laborales*, v.27, n.2, p.63-81. 2009.

ROGERS, J. C.; HOLM, M. B. Assessment of selfcare. In: BONDER, B.R.; WAGNER, M. B. (Eds.). *Functional performance in older adults*. Philadelphia: F. A. Davis; 1994. p. 181-202.

SEGAL, R. Family routines and rituals: A context for occupational therapy interventions. *Am J Occup Ther*, v.58, n.5, p.499–508. Sept/Oct.2004.

SENNETT, R. *O artifice*. Tradução: Clóvis Marques. 2.ed. Rio de Janeiro: Record; 2009.

SILVA, M.G.S. Idosos aposentados: Representações do cotidiano. *Est Interdiscipl Envelhec*, v.1, p.91-104. 1999.

SOUZA, R.F.; MATIAS, H.A.; BRÊTAS, A.C.P. Reflexões sobre envelhecimento e trabalho. *Ciênc. Saúde Coletiva*, v.15, n.6, p.2835-2843. 2010.

STAV, W.B.; *et al.* Systematic review of occupational engagement and health outcomes among community-dwelling older adults. *Am J Occup Ther*, v.66, n.3, p.301–310. May/Jun.2012.

TETENS, J. N. *Philosophische Versuche über die menschliche Natur und ihre Entwicklung* [Philosophical essays on human nature and its development]. Leipzig, East Germany: Weidmanns Erben und Reich, 1777.

TEZANOS, J. F. *Transformações na estrutura de classes na sociedade tecnológica avançada*. Osocialismo no futuro. O futuro do trabalho. Salvador: Instituto Pensar, n. 6, p. 67-87,1993.

TURATO, E.R.Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Rev. Saúde Pública*, v. 39, n.3, p.507-14, 2005.

URT, S. C. *Uma análise psicossocial do significado do trabalho para os jovens*. 2008.f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

ZANELLI, J.C. Processos Psicossociais, bem-estar e estresse na aposentadoria. *Rev. Psicol., Organ. Trab*, v. 12, n. 3, dez. 2012.

ZANELLI, V. *Influências da aposentadoria na identidade pessoal*. 2007. 58f. Monografia (Graduação em Psicologia) — Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, 2007.

ANEXO A – Termo de aprovação do COEP



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Projeto: CAAE –13849413.5.0000.5149

Interessado(a): **Profa. Marcella Guimarães Assis**
Departamento de Terapia Ocupacional
EEFFTO- UFMG

DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 17 de abril de 2013, o projeto de pesquisa intitulado **"O processo de adaptação à aposentadoria: o papel das ocupações realizadas no percurso de vida a partir da percepção do idoso aposentado"** bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.


Profa. Maria Teresa Marques Amaral
Coordenadora do COEP-UFMG

ANEXO B – Normas da Revista Ciência & Saúde Coletiva: Instruções Para Colaboradores

Objetivo e política editorial

Ciência & Saúde Coletiva publica debates, análises e resultados de investigações sobre um tema específico considerado relevante para a saúde coletiva; e artigos de discussão e análise do estado da arte da área e das subáreas, mesmo que não versem sobre o assunto do tema central. A revista, de periodicidade bimestral, tem como propósitos enfrentar os desafios, buscar a consolidação e promover uma permanente atualização das tendências de pensamento e das práticas na saúde coletiva, em diálogo com a agenda contemporânea da Ciência & Tecnologia.

A revista C&SC adota as "Normas para apresentação de artigos propostos para publicação em revistas médicas", da Comissão Internacional de Editores de Revistas Médicas, cuja versão para o português encontra-se publicada na Rev Port Clin Geral 1997, 14:159-174. O documento está disponível em vários sítios na World Wide Web, como por exemplo, www.icmje.org ou www.apmcg.pt/document/71479/450062.pdf. Recomenda-se aos autores a sua leitura atenta.

Seções da publicação

Editorial: responsabilidade do(s) editor(es). Este texto deve ter, no máximo, 3.500 caracteres.

Debate: encomendado pelos editores, trata-se de artigo teórico pertinente ao tema central da revista, que receberá críticas/comentários assinados de até seis especialistas, também convidados, e terá uma réplica do autor principal. O artigo deve ter, no máximo, 40.000 caracteres; os textos dos debatedores e a réplica, máximo de 10.000 caracteres cada um.

Artigos Temáticos: revisão crítica ou resultado de pesquisas de natureza empírica, experimental ou conceitual sobre o assunto em pauta no número temático. Os textos de pesquisa não deverão ultrapassar os 40.000 caracteres; os de revisão, 50.000 caracteres.

Artigos de Temas Livres: não incluídos no conteúdo focal da revista, mas voltados para pesquisas, análises e avaliações de tendências teórico-metodológicas e conceituais da área ou das subáreas. Os números máximos de caracteres são os mesmos dos artigos temáticos.

Opinião: texto que expresse posição qualificada de um ou vários autores ou entrevistas realizadas com especialistas no assunto em debate na revista; deve ter, no máximo, 20.000 caracteres.

Resenhas: análise crítica de livro relacionado ao campo temático da revista, publicado nos últimos dois anos, com, no máximo, 10.000 caracteres. Os autores devem encaminhar à Secretaria da Revista uma reprodução de alta definição da capa do livro resenhado.

Cartas: crítica a artigo publicado em número anterior da revista ou nota curta, descrevendo criticamente situações emergentes no campo temático (máximo de 7.000 caracteres).

Observação: O limite máximo de caracteres considera os espaços e inclui texto e bibliografia; o resumo/abstract e as ilustrações (figuras e quadros) são considerados à parte.

Apresentação de manuscritos

1. Os originais podem ser escritos em português, espanhol, francês e inglês. Os textos em português e espanhol devem ter título, resumo e palavras-chave na língua original e em inglês. Os textos em francês e inglês devem ter título, resumo e palavras-chave na língua original e em português. Não serão aceitas notas de pé-de-página ou no final do artigo.

2. Os textos têm de ser digitados em espaço duplo, na fonte Times New Roman, no corpo 12, margens de 2,5 cm, formato Word e encaminhados apenas pelo endereço eletrônico (www.cienciaesaudecoletiva.com.br) segundo as orientações do menu Artigos e Avaliações.
3. Os artigos submetidos não podem ter sido divulgados em outra publicação, nem propostos simultaneamente para outros periódicos. Qualquer divulgação posterior do artigo em outra publicação deve ter aprovação expressa dos editores de ambos os periódicos. A publicação secundária deve indicar a fonte da publicação original.
4. As questões éticas referentes às publicações de pesquisa com seres humanos são de inteira responsabilidade dos autores e devem estar em conformidade com os princípios contidos na Declaração de Helsinque da Associação Médica Mundial (1964, reformulada em 1975, 1983, 1989, 1989, 1996 e 2000).
5. Os artigos devem ser encaminhados com as autorizações para reproduzir material publicado anteriormente, para usar ilustrações que podem identificar pessoas e para transferir direitos de autor e outros documentos que se façam necessários.
6. Os conceitos e opiniões expressos nos artigos, bem como a exatidão e a procedência das citações são de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).
7. Os artigos publicados serão de propriedade da revista C&SC, ficando proibida a reprodução total ou parcial em qualquer meio de divulgação, impressa ou eletrônica, sem a prévia autorização da Revista.
8. Os textos são em geral (mas não necessariamente) divididos em seções com os títulos Introdução, Métodos, Resultados e Discussão, às vezes, sendo necessária a inclusão de subtítulos em algumas seções. Os títulos e subtítulos das seções não devem estar organizados com numeração progressiva, mas com recursos gráficos (caixa alta, recuo na margem, etc.).
9. O **resumo/abstract**, com no máximo 1.400 caracteres com espaço (incluindo palavras-chave/key words), deve explicitar o objeto, objetivos, metodologia, abordagem teórica e resultados do estudo ou investigação. Logo abaixo do resumo os autores devem indicar até no máximo seis palavras-chave/key words. Chamamos a atenção para a importância da clareza e objetividade na redação do resumo, que certamente contribuirá no interesse do leitor pelo artigo, e das palavras-chave, que auxiliarão a indexação múltipla do artigo.

Autoria

1. As pessoas designadas como autores devem ter participado na elaboração dos artigos de modo que possam assumir publicamente a responsabilidade pelo seu conteúdo. A qualificação como autor deve pressupor: a) concepção e o delineamento ou a análise e interpretação dos dados, b) redação do artigo ou a sua revisão crítica, e c) aprovação da versão a ser publicada.
2. No final do texto devem ser especificadas as contribuições individuais de cada autor na elaboração do artigo (ex. LM Fernandes trabalhou na concepção e na redação final e CM Guimarães, na pesquisa e na metodologia).

Nomenclaturas

1. Devem ser observadas rigidamente as regras de nomenclatura biológica, assim como abreviaturas e convenções adotadas em disciplinas especializadas.
2. Devem ser evitadas abreviaturas no título e no resumo.
3. A designação completa à qual se refere uma abreviatura deve preceder a primeira ocorrência desta no texto, a menos que se trate de uma unidade de medida padrão.

Ilustrações

1. O material ilustrativo da revista C&SC compreende tabela (elementos demonstrativos como números, medidas, percentagens, etc.), quadro (elementos demonstrativos com informações textuais), gráficos (demonstração esquemática de um fato e suas variações), figura (demonstração esquemática de informações por meio de mapas, diagramas, fluxogramas, como também por meio de desenhos ou fotografias). Vale lembrar que a revista é impressa em uma cor, o preto, e caso o material ilustrativo esteja em cor, será convertido para tons de cinza.
2. O número de material ilustrativo deve ser de, no máximo, cinco por artigo, salvo exceções referentes a artigos de sistematização de áreas específicas do campo temático, quando deverá haver negociação prévia entre editor e autor(es).
3. Todo o material ilustrativo deve ser numerado consecutivamente em algarismos arábicos, com suas respectivas legendas e fontes, e a cada um deve ser atribuído um breve título. Todas as ilustrações devem ser citadas no texto.
4. As tabelas e os quadros devem ser confeccionados no mesmo programa utilizado na confecção do artigo (Word).
5. Os gráficos devem estar no programa Excel, e os dados numéricos devem ser enviados, de preferência, em separado no programa Word ou em outra planilha como texto, para facilitar o recurso de copiar e colar.
6. Os arquivos das figuras (mapa, por ex.) devem ser salvos no (ou exportados para o) formato Illustrator ou Corel Draw. Estes formatos conservam a informação VETORIAL, ou seja, conservam as linhas de desenho dos mapas. Se for impossível salvar nesses formatos; os arquivos podem ser enviados nos formatos TIFF ou BMP, que são formatos de imagem e NÃO conservam sua informação vetorial, o que prejudica a qualidade do resultado. Se usar o formato TIFF ou BMP, salvar na maior resolução (300 ou mais DPI) e maior tamanho (lado maior = 18cm). O mesmo se aplica para o material que estiver em fotografia. Caso não seja possível enviar as ilustrações no meio digital, deve ser enviado o material original em boas condições para reprodução

Agradecimentos

1. Quando existirem, devem ser colocados antes das referências bibliográficas.
2. Os autores são responsáveis pela obtenção de autorização escrita das pessoas nomeadas nos agradecimentos, dado que os leitores podem inferir que tais pessoas subscrevem os dados e as conclusões.
3. O agradecimento ao apoio técnico deve estar em parágrafo diferente daqueles a outros tipos de contribuição.

Referências

1. As referências devem ser numeradas de forma consecutiva de acordo com a ordem em que forem sendo citadas no texto. No caso de as referências serem de mais de dois autores, no corpo do texto deve ser citado apenas o nome do primeiro autor seguido da expressão *et al.*
2. Devem ser identificadas por números arábicos sobrescritos, conforme exemplos abaixo:

ex. 1: ... Outro indicador analisado foi o de !maturidade do PSF" ¹¹ ...

ex. 2: ... Como alerta Maria Adélia de Souza ⁴, a cidade...

As referências citadas somente nos quadros e figuras devem ser numeradas a partir do número da última referência citada no texto.

3. As referências citadas devem ser listadas ao final do artigo, em ordem numérica, seguindo as normas gerais dos *Requisitos uniformes para manuscritos apresentados a periódicos biomédicos* (<http://www.icmje.org>).

4. Os nomes das revistas devem ser abreviados de acordo com o estilo usado no Index Medicus (<http://www.nlm.nih.gov/>).

5. O nome de pessoa, cidades e países devem ser citados na língua original da publicação.

Exemplos de como citar referências

Artigos em periódicos

1. Artigo padrão (inclua até 6 autores, seguidos de *et al.* se exceder a esse número)

Pelegri ML, Castro JD, Drachler ML. Equidade na alocação de recursos para a saúde: a experiência no Rio Grande do Sul, Brasil. *Rev C S Col* 2005; 10(2):275-86.

Maximiano AA, Fernandes RO, Nunes FP, Assis MP, Matos RV, Barbosa CGS, *et al.* Utilização de drogas veterinárias, agrotóxicos e afins em ambientes hídricos: demandas, regulamentação e considerações sobre riscos à saúde humana e ambiental. *Rev C S Col* 2005; 10(2):483-91.

2. Instituição como autor

The Cardiac Society of Australia and New Zealand. Clinical exercise stress testing. Safety and performance guidelines. *Med J Aust* 1996; 164:282-4

3. Sem indicação de autoria

Cancer in South Africa [editorial]. *S Afr Med J* 1994; 84:15.

4. Número com suplemento

Duarte MFS. Maturação física: uma revisão de literatura, com especial atenção à criança brasileira. *Cad Saúde Pública* 1993; 9(Supl 1):71-84.

5. Indicação do tipo de texto, se necessário

Enzensberger W, Fischer PA. Metronome in Parkinson's disease [carta]. *Lancet* 1996; 347:1337.

Livros e outras monografias

6. Indivíduo como autor

Cecchetto FR. *Violência, cultura e poder*. Rio de Janeiro: FGV; 2004.

Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8ª ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco; 2004.

7. Organizador ou compilador como autor

Bosi MLM, Mercado FJ, organizadores. *Pesquisa qualitativa de serviços de saúde*. Petrópolis: Vozes; 2004.

8. Instituição como autor

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). *Controle de plantas aquáticas por meio de agrotóxicos e afins*. Brasília: DILIQ/Ibama; 2001.

9. Capítulo de livro

Sarcinelli PN. A exposição de crianças e adolescentes a agrotóxicos. In: Peres F, Moreira JC, organizadores. *É veneno ou é remédio. Agrotóxicos, saúde e ambiente*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003. p. 43-58.

10. Resumo em Anais de congressos

Kimura J, Shibasaki H, organizadores. Recent advances in clinical neurophysiology. *Proceedings of the 10th International Congress of EMG and Clinical Neurophysiology*; 1995 Oct 15-19; Kyoto, Japan. Amsterdam: Elsevier; 1996.

11. Trabalhos completos publicados em eventos científicos

Coates V, Correa MM. Características de 462 adolescentes grávidas em São Paulo. In: *Anais do V Congresso Brasileiro de adolescência*; 1993; Belo Horizonte. p. 581-2.

12. Dissertação e tese

Carvalho GCM. *O financiamento público federal do Sistema Único de Saúde 1988-2001* [tese]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública; 2002.

Gomes WA. *Adolescência, desenvolvimento puberal e sexualidade: nível de informação de adolescentes e professores das escolas municipais de Feira de Santana - BA* [dissertação]. Feira de Santana (BA): Universidade Estadual de Feira de Santana; 2001.

Outros trabalhos publicados

13. Artigo de jornal

Novas técnicas de reprodução assistida possibilitam a maternidade após os 40 anos. *Jornal do Brasil* 2004 Jan 31; p. 12

Lee G. Hospitalizations tied to ozone pollution: study estimates 50,000 admissions annually. *The Washington Post* 1996 Jun 21; Sect. A:3 (col. 5).

14. Material audiovisual

HIV+/AIDS: the facts and the future [videocassette]. St. Louis (MO): Mosby-Year Book; 1995.

15. Documentos legais

Lei nº 8.080 de 19 de Setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. *Diário Oficial da União* 1990; 19 set.

Material no prelo ou não publicado

Leshner AI. Molecular mechanisms of cocaine addiction. *N Engl J Med*. In press 1996.

Cronenberg S, Santos DVV, Ramos LFF, Oliveira ACM, Maestrini HA, Calixto N. Trabeculectomia com mitomicina C em pacientes com glaucoma congênito refratário. *Arq Bras Oftalmol*. No prelo 2004.

Material eletrônico

16. Artigo em formato eletrônico

Morse SS. Factors in the emergence of infectious diseases. *Emerg Infect Dis* [serial on the Internet] 1995 Jan-Mar [cited 1996 Jun 5];1(1):[about 24 p.]. Available from: <http://www.cdc.gov/ncidod/EID/eid.htm>

Lucena AR, Velasco e Cruz AA, Cavalcante R. Estudo epidemiológico do tracoma em comunidade da Chapada do Araripe - PE - Brasil. *Arq Bras Oftalmol* [periódico na Internet]. 2004 Mar-Abr [acessado 2004 Jul 12];67(2): [cerca de 4 p.]. Disponível em: <http://www.abonet.com.br/abo/672/197-200.pdf>

17. Monografia em formato eletrônico

CDI, clinical dermatology illustrated [CD-ROM]. Reeves JRT, Maibach H. CMEA Multimedia Group, producers. 2ª ed. Version 2.0. San Diego: CMEA; 1995.

18. Programa de computador

Hemodynamics III: the ups and downs of hemodynamics [computer program]. Version 2.2. Orlando (FL): Computerized Educational Systems; 1993.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa intitulada “O processo de adaptação à aposentadoria: o papel das ocupações realizadas no percurso de vida a partir da percepção do idoso aposentado”, em virtude de ser uma pessoa aposentado(a), com mais de sessenta anos. A pesquisa é coordenada pela Profa. Dra. Marcella Guimarães Assis e contará com a participação de uma aluna da pós-graduação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG. A sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento da pesquisa, você poderá desistir e retirar seu consentimento. A recusa não trará nenhum prejuízo à sua relação com os pesquisadores ou com a UFMG.

O objetivo desta pesquisa é compreender o papel das ocupações que você realizou ao longo da vida na forma como vivenciou a transição para a aposentadoria. Acreditamos que o estudo seja importante porque o número de aposentados no Brasil está crescendo consideravelmente e muitas dessas pessoas têm dificuldades para se adaptar à nova fase. Caso você aceite o convite, será submetido(a) a uma única entrevista com duração de aproximadamente 1h e 30min. A entrevista deverá ser gravada para que posteriormente os dados coletados possam ser analisados pelos pesquisadores. Os riscos relacionados com a sua participação são mínimos. É possível que haja algum incômodo a partir da abordagem de certos temas da sua história de vida ou que você se sinta cansado(a), mas se isto acontecer, a entrevista será interrompida imediatamente e outro dia poderá ser agendado. Como benefício, após passar pela entrevista, você terá a possibilidade de compreender melhor os impactos gerados pela aposentadoria e perceber alternativas para uma melhor adaptação à fase em que se encontra. Os resultados desta pesquisa poderão ser apresentados em seminários, congressos e similares, entretanto, os dados obtidos por meio da sua participação serão confidenciais e sigilosos, não possibilitando a sua identificação. A sua participação será voluntária, não havendo remuneração para tal. Qualquer gasto financeiro da sua parte será ressarcido (a) pelo responsável pela pesquisa. Não está previsto indenização por sua participação, mas em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, terá direito à indenização.

Você receberá cópia deste termo onde constam o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sobre sua

participação, agora ou em qualquer momento.

Coordenadora do Projeto Profa. Marcella Guimarães Assis

Endereço Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha – Belo Horizonte – MG

Telefone (31) 34094790

Profa. Marcella Guimarães Assis

Cecília Melo Neves Xavier – Vice-
coordenadora do projeto (31) 8806 4220

Declaro que entendi os objetivos, a forma de minha participação, riscos e benefícios da pesquisa e aceito o convite para participar. Autorizo a publicação dos resultados da pesquisa, a qual garante o anonimato e o sigilo referente à minha participação.

Nome do sujeito da pesquisa: _____

Assinatura do sujeito da pesquisa: _____

Informações – Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG

Av. Presidente Antônio Carlos, 6627, Prédio da Reitoria. 7o andar. Pampulha

Belo Horizonte – Minas Gerais

(31)34841425/96351787

Email: coep@prpq.ufmg.br

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista semi-estruturada

Nome:

Idade/DN:

Estado civil:

Composição familiar:

Profissão:

Nível de escolaridade:

Religião:

Tempo de aposentadoria:

Motivo da aposentadoria:

Renda mensal:

- Como foi a sua vida profissional? Quais trabalhos realizou ao longo da vida?
- Como era a sua relação com os trabalhos que realizou?
- Como era um dia típico da sua rotina na época em que trabalhava?
- Quando você não estava trabalhando, quais outras ocupações você fazia?
- Além do que fazia, você tinha outros interesses, outras ocupações que tinha vontade de fazer, mas que por algum motivo não fazia?
- Você planejou sua aposentadoria?
- Como você imaginava que seria a sua aposentadoria antes de se aposentar?
- Como você vivenciou essa mudança do trabalho para a aposentadoria?
- Quais ocupações o Sr(a) realiza atualmente?
- Como ficou um dia típico da sua rotina com a aposentadoria? E atualmente?
- Quais destas ocupações o Sr(a) destaca como sendo as mais importantes?
- As ocupações que o Sr(a) realiza hoje tem alguma ligação com o que realizava no passado?
- Você desejaria falar mais alguma coisa sobre essa experiência da aposentadoria?